



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**“PRETO NÃO PRECISA DE NADA, DEUS JÁ LHE DEU O SOL E A  
LUA”: RELATO DE VIDA DO SENHOR ANTONIO GUILHERMINO DA  
SILVA, O MUCA, DE MICROEMPREENDEDOR EM 1960 A NOME DE  
BAIRRO MACAPAENSE EM 2000.**

**MACAPÁ-AP**

**2017**

**EDEM SILVA DE OLIVEIRA**

**“PRETO NÃO PRECISA DE NADA, DEUS JÁ LHE DEU O SOL E A LUA”: RELATO DE VIDA DO SENHOR ANTONIO GUILHERMINO DA SILVA, O MUCA, DE MICROEMPREENDEDOR EM 1960 A NOME DE BAIRRO MACAPAENSE EM 2000.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado Pleno em História, pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, sob a orientação do Prof. Dr. Dorival da Costa dos Santos.

**MACAPÁ-AP  
2017**

**EDEM SILVA DE OLIVEIRA**

**“PRETO NÃO PRECISA DE NADA, DEUS JÁ LHE DEU O SOL E A LUA”:  
RELATO DE VIDA DO SENHOR ANTONIO GUILHERMINO DA SILVA, O MUÇA,  
DE MICROEMPREENDEDOR EM 1960 A NOME DE BAIRRO MACAPAENSE EM  
2000.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado Pleno em História, pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, sob a orientação do Prof. Dr. Dorival da Costa dos Santos.

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_

Banca Examinadora:

---

Orientador: Prof. Dr. Dorival da Costa dos Santos.

---

Membro: Prof. Dra. Cecília Maria Chaves Brito Bastos

---

Membro: Prof. Esp. Carlos Alberto Viana Marques

*In memoriam* a Pedro Cardoso de Oliveira,  
meu pai, falecido em 2016, meu  
incentivador mais entusiasta.

## **AGRADECIMENTOS**

A gratidão é sem dúvida uma das maiores virtudes do ser humano. Exercitá-la é pôr em voga o lado mais altruísta da pessoa. Assim, passo a fazê-la nominalmente para aqueles meus apoiadores:

Aos meus amigos Lourenço Monteiro Junior, Sandro Fernandes de Lima, que sempre me incentivaram para o fechamento do curso de história com palavras de estímulo e de exortação.

Também a minha mãe Sra. Joaquina Guilhermina, que presenciou todo o processo de chegada a Universidade, os percalços da caminhada e a alegria com a proximidade de ver “formado” seu filho.

Uma ressalva especial a minha companheira Katia Silene incansável na ajuda emocional sempre me colocando para cima, bem como na valiosa colaboração na produção por assim dizer desse trabalho. Obrigado minha digitadora mais diligente.

Aos meus colegas pela alegria da convivência e intercambio rico de ideias e conhecimentos.

Aos meus professores e professoras pelas orientações, esclarecimentos e conhecimentos sem os quais a minha formação seria impossível.

Finalmente reservo essas linhas ao Sr. Pedro Cardoso de Oliveira, falecido em 19/09/2016, minha referência de integridade, honestidade e bom humor. Meu pai para sempre.

*Melhor é o fim das coisas do que o início  
delas.  
Eclesiastes capítulo 7: 8  
(Bíblia Sagrada)*

## RESUMO

Este trabalho é uma história de vida, a do Sr. Antônio Guilhermino da Silva, o Muca, que por meio do seu ofício e dos fatos ocorridos no transcorrer de suas relações sociais em seu tempo, geraram condições para a denominação de bairro na zona sul da capital do Estado do Amapá. A identificação do empreendedorismo é o fio condutor da narrativa para alcançar o status de nome de bairro, pois essa modalidade econômica escolhida para o seu sustento material, fez dele uma pessoa conhecida entre os seus contemporâneos. A pesquisa se explica pelo baixíssimo conhecimento sobre os nossos atores sociais que dão nome a ruas, colégios, bairro e outros logradouros públicos registrados na cidade de Macapá. A história oral foi o recurso metodológico básico, articulada a um estudo qualitativo, onde a compreensão e a interpretação de determinados comportamentos, a opinião e as expectativas dos indivíduos tomam relevo, construiu-se assim a trajetória de vida do personagem imerso em seu contexto social.

**Palavras-chaves:** História de Vida. Empreendedorismo. Macapá. Muca.

## **ABSTRACT**

This work is a life story, that of Mr. Antônio Guilhermino da Silva, the Muca, who through his office and the facts that occurred during his social relations in his time, generated conditions for the denomination of neighborhood in the south zone Of the capital of the State of Amapá. The identification of entrepreneurship is the guiding thread of the narrative to reach the status of a neighborhood name, since this economic modality chosen for its material sustenance, made him a person known among his contemporaries. The research is explained by the very low knowledge about our social actors that give names to streets, schools, neighborhood and other public places registered in the city of Macapá. Oral history was the basic methodological resource, articulated to a qualitative study, where the comprehension and interpretation of certain behaviors, the opinion and the expectations of the individuals took on the importance of the life trajectory of the character immersed in its social context.

**Key-words:** History of Life. Entrepreneurship. Macapá. Muca.



## SUMÁRIO

Introdução .....	12
Capítulo I – Entre a fala e a escrita: o percurso teórico-metodológico .....	16
Capítulo II – Contexto social e histórico .....	23
Capítulo III – O Muca no Território Federal do Amapá .....	28
Capítulo IV – O Muca no Estado do Amapá .....	55
Considerações Finais .....	63
Referências Bibliográficas .....	67
Anexos .....	69

## LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: Antônio Guilhermino da Silva – O Muca .....	23
Imagem 2: Carteira de Identidade do Muca .....	28
Imagem 3: A entrada da Antiga Vacaria é hoje a sede da Rede Record em Macapá .....	38
Imagem 4: O espaço original da antiga Vacaria .....	39
Imagem 5: Áreas de Ressacas de Macapá.....	40
Imagem 6: Residência atual da família dos Guilherminos da Silva .....	45
Imagem 7: Muca, sua esposa e um netinho .....	45
Imagem 8: Registro de Imóveis da Propriedade do Muca .....	53

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CODEPA	Companhia de Dendê no Amapá
FPE	Fundo de Participação dos Estados
GEA	Governo do Estado do Amapá
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOMI	Indústria e Comércio de Minérios S/A
PDSA	Plano de Desenvolvimento Sustentável do Amapá
PREGEL	Pregel Prestação de Serviços Gerais Comércio e Representação Ltda.
PSB	Partido Socialista Brasileiro
SPVEA	Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia.
STF	Supremo Tribunal Federal
TFA	Território Federal do Amapá

## INTRODUÇÃO

A narrativa construída nesse momento sobre o cidadão, o Sr. Antônio Guilhermino da Silva, alcunhado carinhosamente pelos seus amigos de Muca, faz-se necessário pela relevância dessa pessoa para o seu clã familiar, mas, sobretudo para o desvelamento de suas interações e intervenções sociais capazes de provocar a denominação de um bairro populoso no Município de Macapá.

Esse relato de vida é um esforço continuado em conhecer um pouco mais do nosso devir histórico, e embora esse trabalho esteja centrado na figura ímpar de seu biografado não exclui e nem despreza as inúmeras ramificações imbricadas de elementos sociais, econômicos, religiosos e ideológicos exercitados por ele em sua existência de 70 anos.

Para tanto analisaremos esses pontos supracitados dentro de um contexto histórico, onde o personagem desse relato de vida esteve imerso no âmbito do Município de Macapá, notadamente a partir da década de 50, interregno onde há, de fato, componentes importantes e decisivos para a definição das condições materiais e simbólicas que deram sentido à sua vida, especialmente ao estabelecimento de seu empreendedorismo que em última instância, pudesse desembocar em nome de bairro da zona sul de Macapá, capital do Amapá. Outro viés paralelo à discussão destacada acima, mas extremamente importante, e que se fará presente na construção dessa história de vida do “Velho Muca” é o preconceito por ele sofrido no desempenho de suas atividades profissionais quer sob a ótica de militar, de funcionário público, quer na perspectiva de um microempreendedor. Porém, não menos relevante será conhecer a maneira, as estratégias por ele usadas para resistir, ou até mesmo converter o racismo em estímulo para alcançar seus objetivos e fortalecimento de suas convicções pessoais.

Narrativas dessa monta precisam vir amalgamadas desses componentes extras, esses “*plus*” para subsidiar com mais amplitude o cenário social onde esses

fatos acontecem descortinando as circunstâncias, as ocasiões e situações envolvidas para o entendimento micro e macro desses eventos.

A escolha do tema desenvolvido nesse trabalho não se deve a razões fortuitas. Existem explicações para a seleção dessa tarefa acadêmica. Dentre as quais destaco duas:

a) O grau de parentesco do autor com o biografado (Antônio Guilhermino da Silva – o Muca) era meu tio, irmão da minha mãe a Senhora Joaquina Guilhermina da Silva, a Joaca;

b) A outra e mais importante está apoiada na oportunidade de uma compreensão mais vasta de nossa própria história tucuju, macapaense de fato, pois, a designação com uma nomenclatura de bairro, denota a necessidade um conhecimento ao mesmo tempo, mais dilatado e aprofundado desse tema, dentro do seu nicho social.

Metodologicamente, a pesquisa será desenvolvida dentro da história oral, fundada na coleta de entrevistas com pessoas que de uma maneira ou outra mantiveram relações privadas e públicas com o personagem-objeto da pesquisa. Ainda que a história oral tenha se constituído no sustentáculo metodológico principal do trabalho, não foi a única, a pesquisa documental tradicional foi fundamental para o fortalecimento histórico dos fatos. Essa escolha metodológica que articula a história oral à pesquisa documental dá-se primeiramente pelo caráter exploratório contido em seu bojo, quando da coleta das motivações dos grupos humanos, da interpretação de seus comportamentos e opiniões.

Além dessas características acima discriminadas a pesquisa fundada na história oral se afina com a história de vida, a partir do momento da coleta mais detalhada de informações do seu interesse. Ora, nada mais coerente que qualificar a pesquisa, visto ser a trajetória ou história de vida, a concentração na descrição e interpretação dos pormenores do personagem. Assim a história de vida se alimenta das respostas, das projeções dos indivíduos trazidos a lume pela pesquisa qualitativa. A

instrumentalização metodológica acontece com as entrevistas com os atores sociais, detentores das informações que são alvo do trabalho em andamento.

No efetivo momento das entrevistas a principal proposta a ser respeitada é ouvir. Pois é, deste momento em diante é preciso que o pesquisador esteja alerta, tanto para a oitiva de seu entrevistado, quanto para o silêncio do mesmo, porque nossa memória é seletiva, isto é, lembramo-nos das coisas de nosso interesse, daquilo que não nos compromete.

Sendo a história de vida uma modalidade de pesquisa qualitativa os seus vínculos com ela são muito fortes. E um deles se destaca pela análise no momento histórico vivenciado pelo ator social em foco.

Então, nesse sentido amparado na pesquisa qualitativa de que não pode ser quantificada, mas se detém na realidade, respondendo a perguntas mais específicas. Os capítulos em relevo nesse trabalho buscam esclarecer por meio dessa história de vida o devir social-histórico do Sr. Antônio Guilhermino, composto dessa maneira:

No primeiro capítulo discorro sobre a fundamentação teórica e metodológica desdobrada na discussão sobre a conceituação de micro história, memória, história oral, biografia e história de vida, necessário para a construção da narrativa.

No segundo capítulo escrevo sobre o início da vida do personagem. Nesse capítulo como se perceberá, encaixo o seu Muca no seu contexto social. Neste caso, a realidade do Amapá vinculado ao Estado do Pará.

No terceiro capítulo trato das condições materiais geradas pela nova situação política do Amapá que propiciaram o início do empreendedorismo do Muca na Vacaria.

No quarto capítulo trata da crise dos negócios do Velho Muca, provocado pelas desapropriações de terra em um novo cenário político do Amapá onde essa área urbana que abrigava a Vacaria, era inconcebível sua existência pela vasta área onde ela se localizava.

Finalmente, é importante ressaltar que a história amapaense está em plena construção, embora várias publicações já foram produzidas e lançadas, ainda está-se corporificando e todo o esforço direcionado a esse horizonte é bem-vindo e agregados a uma historiografia que aos poucos vai se adensando, refletindo de alguma forma nossa necessidade de nos conhecermos mais, de uma leitura contextualizada a partir de nossos referenciais autóctones, sem intermediários, sem definidores exógenos de posicionamentos, e sem juízes do que é válido, verossímil e digno de inteira aceitação. Espero ser essa história de vida, um trabalho de inserção nessa perspectiva de criação, produção e interpretação da história amapaense.

## **CAPITULO I**

### **ENTRE A FALA E A ESCRITA: O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO**

A escolha de um tema de pesquisa não ocorre de forma aleatória. Existem razões a empurrar o pesquisador para essa saga: encontrar a satisfação (mesmo momentâneo e parcial) das suas inquietações.

Para tanto, a sustentação, o fulcro teórico aonde suas ideias irão se ancorar passam a ser fundamentais para pôr de pé a validade de um trabalho com aspirações científicas.

Sendo assim, desde o início dessa obra minha preocupação era discutir a trajetória de vida do Sr. Antônio Guilhermino, o Muca, sem esquecer-se de suas generalidades sociais onde ele estaria inserido. Então, a micro história pensada por Giovanni Levi, ganhou espaço e robustez, quando ele afirma”...*é por meio de diferenças mínimas nos comportamentos cotidianos que são construídas as complexidades sociais, as diferenciações locais nas quais se enraízam histórias*” (LEVI, 1998. p. 203)

De fato, são as diferenças de pensar, agir e sentir entre os seres humanos que nos definem melhor. Em um planeta com mais de sete bilhões de pessoas é perfeitamente razoável existir a alteridade entre os indivíduos, ser ela o gene mais evidente nesse mar de gente chamado de planeta Terra.

A diminuição na escala de observação, a percepção mais acurada e detalhada do objeto, onde o micro se agiganta é um terreno novo. É a partir dos anos 70 na Itália que esse gênero historiográfico ganha campo com os seus mais renomados expoentes como Carlo Guinzburg, Edoardo Grendi e Giovanni Levi.

Desde então a micro história vem sendo vista como uma alternativa de qualidade para o estudo do cotidiano, das minúcias, sem perder de vista a realidade mais abrangente; como bem demonstrada em Chartier:



Cada micro história pretende reconstruir, a partir de uma situação particular, normal porque excepcional a maneira como os indivíduos produzem o mundo social, por meio de alianças e confrontos, através das suas dependências que os ligam ou dos conflitos que os opõem (CHARTIER, 2002, p. 95)

A identificação na exploração do objeto não anula o diálogo com o mundo exterior, com outras esferas concêntricas, adjuntas ao foco da pesquisa porque a micro história, segundo a historiadora Sandra Pesavento é:

[...] um método ou estratégia de abordagem do empírico, que implica o uso conjugado de dois procedimentos: redução de escala do recorte realizado pelo historiador no tema, transformado em objeto pela pergunta formulada e ampliação das possibilidades de interpretação, pela intensificação dos cruzamentos possíveis intro e extratexto, a serem feitos naquele recorte determinado. (PESAVENTO, 2004, p.180)

Todas essas ratificações feitas até aqui são para a consolidação da ideia de vínculo entre todos os segmentos da pesquisa baseado nos recortes da micro história. E, para rebater o ponto mais nevrálgico da crítica disparada contra ela: a falta de amplitude contextual pelo excesso de concentração nos detalhes, nos pormenores.

Compreendo ser a micro história uma reação a um estilo de fazer história calcada nos grandes compêndios da política e da economia, ao materialismo histórico-dialético e ao estruturalismo. Essas formas de se praticar história são validadas sim. Não é possível negar as contribuições, os avanços desses paradigmas ainda em franca utilização nos dias atuais, entretanto para essa pesquisa em especial, as características da micro história são sem dúvida as mais adequadas.

Apensado a corrente da micro história, esse trabalho anda junto com os aspectos ligados a oralidade e a memória fatores esses indispensáveis para a produção desta história de vida, em razão das entrevistas feitas com membros da família do biografado e com outros cidadãos de Macapá.

Essa maneira de se fazer história não é tão recente. Na Grécia Antiga “o Método de Heródoto, por exemplo, no século V a.C era procurar testemunhas oculares e interroga-las rigorosa e minuciosamente” (THOMPSON, 2002, p.52).

Embora com o passado bem dilatado e com o pai da História sendo um dos seus vetores, a oralidade e a memória foram discriminadas pela história mais tradicional, baseada no Positivismo, e na supervalorização do documento escrito.

Mas, com o surgimento da História oral como metodologia científica, começa a se processar uma lenta, gradual e abundante mudança, na maneira de enxergar essas engrenagens movimentadoras desse novíssimo e/ou revitalizado paradigma metodológico supracitado:

ARTHUR MARWICK *in* Nature of History (1970) diz: um texto histórico baseado exclusivamente em fontes não documentais, digamos a história de uma comunidade africana, pode ser mais superficial, menos satisfatório do que outro, extraído de documentos; mas é história do mesmo jeito. (THOMPSON, 2002, p.102).

Esse bairrismo aos poucos vai sendo vencido e cativando parte dos historiadores e dos pesquisadores, essa aceitação aos novos tempos, ou melhor, uma discussão e conseqüentemente um aumento ao conhecimento sobre esse temário, que tem como corolário a disseminação de obras com a chancela da história oral.

Condição primeira para neutralizar o conhecimento acumulado pela vivência e/ou experiência é rememorar esses eventos dentro da mente do entrevistado. Assim a memória se constitui importantíssimo ponto de partida para reconstrução daquilo que se deseja estudar por ser abrangente e social:

A memória para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é por definição "coletiva", como sugeriu Maurice Halbwachs. Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao mesmo tempo que muda", as rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma ela constitui eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. (ROUSSO, 2006. p. 94)

O enlace da memória com a história é demonstrado pela silhueta da coletividade, cumprindo a primeira a confiabilidade quando da sua utilização em uma produção historiográfica, por exemplo:

David Thelen nos lembra que, como as memórias das pessoas conferem segurança, autoridade, legitimidade, e por fim identidade ao presente, não é de surpreender que os conflitos acerca da posse e da interpretação das memórias sejam profundos, frequentes e ásperos. (HAMILTON, 2006. p. 85)

É por meio da credibilidade das reminiscências ofertadas pelas pessoas entrevistadas para este acadêmico, e corroboradas por outros indivíduos, comprovando o caráter coletivo da memória, que se torna crível a rememoração de que o Muca foi à época do Território Federal o único negro a ser cumprimentado pelos brancos da cidade de Macapá.

Esse amadurecimento no sentido de se produzir e avaliar a história tem feito avançar os debates a crítica, e ao mesmo tempo desenvolvido a ciência histórica que não pode estar hermeticamente fechada as inovações e a um mundo em transformação pelo trabalho humano. A convivência em sociedade deixa marcas fora e dentro do corpo, atestado pelo autor quando diz: *“no sentido mais geral, uma vez que a experiência de vida das pessoas de todo tipo passa a ser utilizada como matéria-prima, a história ganha nova dimensão”* (THOMPSON, 2002, p.25).

E para efetiva produção dessa história a opção pela história de vida, trajetória de vida ou a denominação mais tradicional de biografia ganha outro sentido, bem diferente daquele escrito a tempos atrás onde a figura central absorvia todas as atenções deixando o contexto histórico e as demais conexões sociais como simples adornos sem nenhum efeito.

Uma história de vida envolve uma série de situações. O tempo de vida de um ser humano na terra, mesmo para aqueles que precocemente morrem, deixam inúmeras experiências. Diz-se sempre que cada ser humano é um universo. Então, por extensão, vamos ter múltiplas situações de eventos que essa pessoa vivenciará, criando uma série identidades, pechas, inclinações, aproximações e rejeições formadoras de sua personalidade.

Assim a história de vida, o relato de vida, ou biografia seja qual for à terminologia usada, atenderá as diversidades impostas pela vida:

[...] a narrativa biográfica atual reconstitui a superfície social sobre a qual o indivíduo age, em uma pluralidade de esferas com suas racionalidades específicas. O indivíduo possui uma vida diferenciada, tensa, pois atua em esferas sociais distintas. (REIS, 2000, p.140)

E mesmo com esse esforço de ir atrás de todas as redes sociais criadas pelo personagem *in loco*, muitos outros aspectos ficaram ainda por serem ditos, esclarecidos ou encontrados em função da gama de “links” processados pelo indivíduo. Do ponto de vista prático, a trajetória de vida é formidável esforço de reconstrução desse viver, porém não encerra em seu arcabouço que foi o alfa e o ômega<sup>1</sup> de vida do biografado, e muito menos a dinâmica dos fatos congruentes à sua existência.

E não é preciso que a narrativa de uma única vida apresente exatamente uma só biografia individual. (...) ela pode ser utilizada para transmitir a história de toda uma classe ou comunidade, ou transforma-se num fio condutor ao redor do qual se reconstrua uma série extremamente complexa de eventos. (THOMPSON, 2002, p.303)

Lidar com tantas informações emanadas de um contexto social requer uma ampliação das fontes de pesquisa. E para atender a essa demanda a Escola dos Annales foi o paradigma teórico a fazer essa expansão vencendo o fetichismo do documento escrito e dando substrato a trabalho como essa história de vida do Velho Muca, porque “*historiador não pode se resignar diante das lacunas na informação e deve procurar preenchê-las*” (REIS, 2000, p.77) e para isso disporá de todo e qualquer material capaz de contribuir para a sua pesquisa.

Esse rompimento monumental conseguido pelos Annales quando do uso de outras produções humanas para a reconstrução histórica abriu possibilidades antes inimagináveis de expansão da pesquisa, uma vez que a “*história (...) pode ser feita com todos os documentos que são vestígios da passagem do homem*” (REIS, 2000, p.77). Sendo os Annales também os responsáveis por valorizar a história oral pois: “*o historiador tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher o silêncio, recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo*” (REIS, 2000, p.77).

Então, fazer uma história de vida se torna uma atividade revestida de todo um caráter de honradez, em razão do direcionamento quanto aos dados colhidos nas

---

<sup>1</sup> As letras de início e fim do alfabeto grego respectivamente.

entrevistas. Porque principalmente a família da pessoa em questão, minimamente espera esse compromisso do pesquisador: escrever a verdade do que se sucedeu, segundo os seus relatos prestados.

Nesse caminho de mão dupla onde o valor da pesquisa precisa ter incentivo de legitimidade tanto para o escritor, quanto para os entes queridos do registrado, as entrevistas vão se consolidando:

Apelando para as entrevistas como último recurso (...) passamos logo a apreciar seu enorme valor. Elas mostravam ser não apenas um recurso substitutivo de fontes melhores, mas em si mesmas, uma fonte muito nitidamente valiosa (THOMPSON, 2002, p.118).

Sem essa perspectiva de valorização da pesquisa, a oralidade fica comprometida na sua estruturação e, mormente na sua aceitabilidade científica. Por isso a história, a trajetória, o relato de vida se alicerça nesses depoimentos e no encadeamento deles com o contexto do indivíduo, cabendo ao pesquisador o uso de certa habilidade para conjugá-las:

Nessa concepção concluíram que as histórias de vida não falam sozinhas sendo necessária enquadrá-las no contexto em que se desenvolvem, ou seja, avaliar todo um conjunto de significações que formam a vida cotidiana em sociedade. (SANTOS & SPÍNDOLA, 2003. p. 121)

Procurando ser a porta voz do que foi escutado, gravado, registrado e coligado, a história de vida vai se construindo nessa modalidade de pesquisa como ferramenta para urdir os diversos dizeres de pessoas diferentes falando de alguém que eles conviveram, tiveram afinidades, desentendimentos, que se encontraram pelo mundo.

A proposta da história de vida centra suas atividades na individualidade do ser humano. A sucessão de dias que compõem a existência de cada um de nós tem nuances provocadas pelos mais variados motivos, devido à coexistência com os outros indivíduos. A demonstração da assimilação por parte da pessoa em relação às matizes da sociedade onde vivem, sobrevém da sua interatividade como seus pares e de como agem pessoalmente na resolução de seus problemas.

O relato de vida vislumbra isso também, porque: *“É através da análise das práticas diárias dos indivíduos que se pode chegar a uma compreensão da dinâmica*

*da personalidade de uma pessoa ou das características e atitudes de um grupo social*". (SANTOS & SPÍNDOLA, 2003. p. 123)

Outro aspecto digno de nota quando da utilização do relato de vida para esse "refazer" histórico, e a partir daí a escrita propriamente dita do que foi aferido pelas entrevistas e cruzamentos com outros depoimentos, é a diminuição da empáfia do pesquisador de ser ele o grande depositário da verdade acadêmica.

Embora o contraditório seja um elemento cultivado nos compêndios, livros universitários e em paradigmas metodológicos se verifica ainda uma arrogância entre os intelectuais provocando uma certa inanição do conhecimento.

A história de vida expõe esse outro olhar. Quando se dá tempo para ouvir, você fica exposto a outras opiniões. De certa forma, algum nível de dúvida acaba sendo provocado no pesquisador por meio das oitivas, ou melhor, ainda, outras informações são agregadas àquelas já existentes.

Esse é um exercício necessário a todos nós: acreditar que toda experiência é válida para alguma coisa. Se uma entrevista para dar corpo a um relato de vida, nenhuma informação foi acrescentada, estimulou-se a paciência; se por outro lado, novidades surgiram, a realidade pôs a prova as convicções antigas, exigindo assim algum tipo de mudança.

## CAPITULO II

### CONTEXTO SOCIAL E HISTÓRICO: O AMAPÁ NO TEMPO DO MUCA

As informações pertinentes ao personagem dessa narrativa seguirão uma linha cronológica dos eventos, pois acredito que a percepção dos fatos e circunstâncias sociais ficarão bem melhor situadas facilitando a compreensão tanto dos elementos ligados ao “Velho Muca”, quanto ao arcabouço sócio históricos vivido por ele a partir de 1931, data de seu natalício.

Assim sendo a passagem de vida do Sr. Antônio Guilhermino da Silva – o Muca perpassa por diferentes momentos sócio-históricos do Amapá. O relato de vida em desenvolvimento nesse trabalho inicia ainda quando o Amapá era área pertencente ao Pará; depois com o advento do desmembramento em 1943 e a transformação em território federal, alcançando na década de 90 a condição de estado por meio da promulgação da Constituição de 1988.

Portanto, a trajetória de vida do Seu Muca está inserida em etapas extremamente importantes em nossa caminhada histórica que delineará a silhueta de nossa organização política através do tempo. O desafio será mesclar a exposição dos acontecimentos de vida particular do biografado com fatos desse contexto social-histórico onde ele está envolvido.

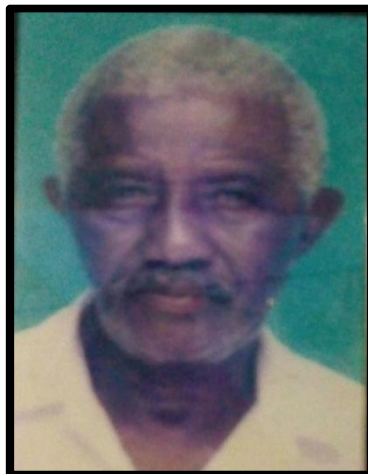


Imagem 1: Antônio Guilhermino da Silva – O Muca  
FONTE: Katia Gonçalves

A tarefa se desdobra em desafio em razão das poucas obras historiográficas que versem, por exemplo, em um interstício de tempo balizado desde a assinatura do Laudo Suíço em 1900 (Acordo Diplomático de Confirmação das Terras Amapaenses em favor do Brasil) até a realidade pré-desmembramento do estado do Pará.

Para cobrir esse espaço, e as demais lacunas, que sem dúvida existirão farei uso da história oral, como instrumental teórico-prático para dar fundamentação metodológica a esse trabalho. Afinal, a *“história oral possibilita nossas visões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores”* (THOMPSON, 2002, p.18).

A concentração do trabalho em torno do personagem deste relato cria uma relação biunívoca com o seu nicho social e histórico, situação essa que também se sintoniza com a oralidade, pois *“a história construída em torno de pessoa. Ela lança vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação”* (THOMPSON, 2002, p. 44).

Pois bem, seja o Amapá como Capitania do Cabo do Norte (século XVI) ou como área incorporada ao Estado do Grão-Pará e Maranhão até sua grande visualização política como a área Contestado franco-brasileiro século XIX, chamava a atenção de seus administradores, quer pela sua localização geográfica (como área fronteira), como pelo potencial mineral que despontou com a descoberta do ouro, em Calçoene (1893).

Destarte, passo agora a me deter na fase pré-desmembramento do Amapá, posto de 1900 a 1943 para atender uma organização já explícita e seguir uma direção temporal também já alocada, para uma melhor compreensão e para tanto, recorro e aqui novamente cito, a relevância das fontes orais. Características desse período nessas bandas setentrionais do Brasil eram a baixa densidade demográfica e a condição de iletramento da maior parte da sociedade amapaense. Nessa perspectiva o Seu Muca estava inserido, porque é somente com sua vinda para Macapá em 1943 que irá se familiarizar com as letras e com os números.

Vivendo de uma agricultura mínima, talvez nem de subsistência, as famílias interioranas tinham sérias dificuldades para a sua sobrevivência. A garantia de



sobrevivência era assegurada pela natureza que os sustentara das mais variadas formas: caça, pesca e extrativismo, era uma vida “*besta*”<sup>2</sup>, ou definida nos versos do cantor e compositor Zé Miguel, na música *Vida Boa* lançada em 1992:

*“a vida daqui é assim devagar...  
Precisa nada prá atrapalhar  
Basta céu, o sol, o rio e o mar  
E um pirão de açaí com tamoatá”...*

*“Nós vivíamos bem, não havia muitos sonhos... passar o dia com saúde e a graça de Deus era o que nós queria”.* Esse testemunho de Dora Josefina Andrade Reis, moradora do Curiaú de 93 anos de idade.

Com uma lucidez límpida o relato dessa moradora se congraça com os demais como do seu Antônio Pinto Ferreira<sup>3</sup> (84 anos, morador do Bairro Açaí): *“ia e voltava à hora que eu queria para casa”*, ou do Senhor Raimundo Carmo do Espírito Santo<sup>4</sup> (80 anos, morador do Bairro Ipê) *“de que havia tanto no interior do Amapá quanto em Macapá um clima de muita paz e satisfação com o usufruto da vida por essas paragens”*. Era o tempo de se dormir de portas abertas; realidade impossível nos dias atuais.

Esse sossego interior e essa tranquilidade com o povir podiam ser visto nas vastas proles produzidas nesse período. Eram comuns as famílias do interior e de Macapá terem 6, 8 filhos como os dos Guilherminos, da qual o Muca fazia parte eram sete irmãos. A frase Deus proverá, contida no livro de Gênesis capítulo 22:8 onde Abraão sacrificaria seu filho Isaque, usada recorrentemente pelos depoentes resume bem esses tempos do início do século XX.

Do ponto de vista prático, a ratificação do Amapá como parte integrante ao Brasil e apensado ao vizinho Pará, não trouxe grosso modo, nenhuma grande movimentação social-econômica para os amapaenses, que eram até então, paraenses. As políticas públicas do Pará em relação ao Amapá estavam na esfera política, sempre na observação contínua de manutenção e do respeito às linhas de

<sup>2</sup> Referência a um verso de Carlos Drummond de Andrade em seu poema “Cidadezinha Qualquer”.

<sup>3</sup> Relato concedido e autorizado em 20/05/2017.

<sup>4</sup> Idem

fronteira, pois mesmo o caso do Contestado resolvido juridicamente, na experiência diária se via um trânsito intenso de pessoas no platô das Guianas.

Ser paraense nesse momento histórico representava fazer parte de um estado gigante (segundo maior estado da federação com uma área de 1.247.689,515 km<sup>2</sup>) que cuidava com zelo do filho mais novo. Com as devidas ressalvas, essa verossimilhança cabe nesse caso, uma vez que esse zelo pode ser entendido com atenção constante a vizinhança próxima desse neófito político recebido pelo Pará após anos de litígio armado e diplomático com a França.

Não se registra ou é do desconhecimento deste, alguma política integrativa do Pará ao seu recém-chegado. A República proclamada em 1889 era uma incógnita para os brasileiros do Centro-Sul onde geograficamente estavam mais perto dos acontecimentos; imagine como foi inicialmente nebulosa para a Amazônia essa transição. As diferenças entre Monarquia e República ainda não estavam perceptíveis, se é que em algum momento, essas foram sentidas pela população.

Para esses lados boreais Amazônicos, em especial o Amapá a vida continuava pacata para essa sociedade pequena, onde todos se conheciam, onde os crimes eram atos singulares e surreais, onde a religiosidade católica era dominante; impondo um comportamento social pacífico a seus membros, de respeito às autoridades constituídas, de amor à pátria brasileira.

Essa realidade mudaria com bastante parcimônia, a passos lentos se não fosse o advento da transformação em Território e com a exploração mineral feita em Serra do Navio a partir de 1953, data de sua instalação para fazer a exploração e o beneficiamento do minério de manganês.

Nosso personagem interage muito pouco com esse cenário sob os auspícios da Primeira República. Afinal, é em 1931 que ele, como primogênito dos Guilherminos da Silva, passa para a existência.

Embora de maneira curta e sucinta registrei algumas passagens que indicam elementos de identidade da sociedade Amapaense (interior) e de Macapá (sua maior

cidade) nas três primeiras décadas do século passado, porque o biografado tem sua trajetória de vida focada por esse momento histórico, onde o Amapá é parte componente do Pará (1900 – 1943).

Entretanto, será com o desmembramento do Pará que essa narrativa tomará uma dimensão muito maior. Ora, pós 1943 mudanças substanciais sob todos os aspectos, impactarão aos pertencentes às terras tucujus, e esta ganhará novo rumo.

Assim se a realidade entre os amapaenses seguirá para outros horizontes na política, da economia, nas tradições, nos costumes, o Muca vai estar a reboque ou na esteira desse outro tempo que se abre com o desligamento dos paraenses, com o governo militar para em território federal sob a órbita republicana que estabelece transações comerciais para além do rio Amazonas.

Ao colocar a narrativa nesta perspectiva, parece falar-se de um Mundo Novo. Será mesmo uma nova situação para o Amapá? E para a população pacata o novo traz uma nova vida? E o Muca como age ante o novo, o inusitado, ante o que era e o que deixou de ser?

### CAPITULO III

## O MUCA NO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ

Esse registro de informações pertinentes ao personagem dessa narrativa começa com algumas identificações necessárias, já que se trata de uma história de vida, relato de vida, de uma biografia.

Antônio Guilhermino da Silva, o Muca nasceu na comunidade do Ariri que dista 27 km de Macapá no ano de 1931. Era filho mais velho de Antônio Guilhermino da Silva e Porfíria Guilhermina da Silva. Tinha ele ainda mais sete irmãos: Marcelino Guilhermino da Silva (Tio Velho); José Guilhermino da Silva (Tio Manganês); Joana Guilhermino da Silva (Tia Tatá); Maria Guilhermino da Silva (Tia Maroca); Francisca Guilhermino da Silva (Tia Chiquinha); Joaquina Guilhermino da Silva (a Joaca); Conceição Pereira da Silva (Tia Conce).



Imagem 2: Carteira de Identidade do Muca  
FONTE: Acervo da família

Viviam de maneira simples nessa Comunidade interiorana com agricultura tradicional, e já nessa época com a criação de algumas cabeças de gado, cuidadosamente pastoreadas pelo seu genitor e pelos irmãos (aliás, todos os seus irmãos já faleceram). Certamente surge desse contato pastoril, o gosto pela pecuária que marcará toda a trajetória de vida do Muca na cidade de Macapá e a partir de 1962.

Sendo assim é a partir dessas informações profícuas do meio, do local, onde o indivíduo está presente que iremos identificar com mais precisão suas ações e reações diante das opções apresentadas pela vida e conseqüentemente as suas escolhas, que serão decisivas o suficiente para influenciar definitivamente sua existência.

Essa ressalva e análise sobre esse conceito geográfico, sobre o local, se tornam oportuno porque é nesse ambiente mais restrito e íntimo, que de fato as coisas acontecem com mais intensidade. No local, as percepções referentes ao caráter do indivíduo estão mais expostas às interações de toda a ordem, capazes de plasmar com grande impacto sua caminhada entre os viventes, até mesmo de maneira ontológica.

As conexões com a família, as relações de compadrio, os meios mais próximos a esse contato com amigos são indelévels para a constituição dos valores da personalidade como um todo. É óbvio, que não excluimos a condição de idiosincrasia de cada um, porém como seres sociais são muito maiores os carmas<sup>5</sup> e os darmas<sup>6</sup> recebidos por essas andanças pelo mundo e pela vivência no local escolhido por uma opção pessoal, ou por motivos exógenos que muitas vezes existem no campo do imponderável.

Isto é dito por que através de uma situação inusitada, todavia, muito comum nesse período de 40 e 50 que haverá uma transformação qualitativa na vida desse

---

<sup>5</sup> **Carma** ou **karma** (do sânscrito , transl. Karmam, e em pali, Kamma, "**ação**") expressar um conjunto de ações dos homens e suas conseqüências.

<sup>6</sup> **Darma** ou **Dharma** (em sânscrito: , transl. Dharma; em páli Dhamma) significa "**Lei Natural**" ou "**Realidade**".

cidadão: a oportunidade de morar na casa do Sr. João Batista de Azevedo Picanço (cidadão ilustre e influente que dá nome a um Centro de Convenções na Cidade de Macapá na Av. Fab nº 86). O patriarca da família Guilhermino da Silva, seu Antônio cuidava do rebanho de gado bovino do Sr. João Picanço, era o seu braço direito nesse ofício na comunidade do Ariri, administrava às terras, direcionava o trabalho de peões, era quem de fato exercia o poder de decisão sobre as questões ligadas ao interesse de seu patrão na ausência deste. Assim sendo existia um vínculo empregatício entre as famílias que se desdobrava em elos de amizade muito forte a ponto de na década de 40, pinçar para a cidade de Macapá, o jovem Antônio Guilhermino, mancebo primogênito, dos Guilherminos, mas com uma notável capacidade de trabalho e um tino para os negócios que saltava aos olhos diante de todos.

Identificava nesse moço imberbe um aspecto único, diferenciado entre os demais membros de sua família e, mesmo para os de fora. Era uma característica ressaltada por Max Weber, denominada de Carisma, conceituada por escritos inicialmente assim, presente naquele rapaz, pois:

Em oposição a toda espécie de organização administrativa ou burocrática, a estrutura carismática não conhece nenhuma forma e nem um procedimento ordenado de nomeação ou demissão, nem de “carreira” ou “promoção”; não conhece nenhum “salário”, nenhuma instrução especial regulamentada do promotor do carisma ou de seus ajudantes e nenhuma instância controladora ou à qual se possa apelar [...] (WEBER, 1999, pag. 324).

Certamente é com esses caracteres de inteligência, iniciativa, potencial e carisma que serão estigmatizados sobre a imagem do “Velho Muca”, toda a expectativa despertada por ele entre a sua parentela e os seus contemporâneos. Porém, reconhecidamente sua figura carismática aliada as suas estratégias atreladas ao seu empreendedorismo serão seus legados mais expressivos, a ponto de um bairro macapaense ter seu nome como denominação, afinal: “...Ao contrário, o carisma pode [...] naturalmente é, qualitativamente singular, e por isso determina-se por fatores internos e não por ordens externas o limite qualitativo de sua missão”. (WEBER, 1999, p.324).

Desta forma, outro local viria a fazer parte da vida de um cabuçu<sup>7</sup>: era a Cidade – a novidade pura sem correspondentes se materializava para mais um desconhecido, para lhe mostrar as dores, as frustrações, sua inflexibilidade para o pusilânime e a esperança, alegria, o fortuito para aqueles mais ousados e dinâmicos – *vamos pra vida!* Já diria o cantor e compositor Cazuza na música “Boas Novas” nos anos 80.

As boas-novas para o Amapá concomitantemente com a chegada do garoto Antônio Guilhermino agora Capital Macapá, vinham por meio de decreto-lei nº 5812 de 13 de setembro de 1943, transformando essas terras em Território Federal, tirando do Pará a administração legal do Amapá. Brasília é quem agora o governa, melhor um governador indicado por lá seria agora o gestor político dos Amapaenses.

Seria um novo tempo sair do limbo do ostracismo político, para um novo projeto de civilização brasileira como fica claro no relatório do Capitão Janary Gentil Nunes, em 1944.

Convém esclarecer, porém que permanecem em todo o território, à espera de solução, os mesmos problemas que aqui encontramos. Tudo ainda está por fazer, apesar de haveremos empregado a totalidade de nossas forças para concretizar o ideal do Amapá rico e feliz, integrado na civilização brasileira. Tenho absoluta convicção de que o porvir reserva ao Amapá um destino de opulência e brilho dentro de nossa Pátria e estar certo que o seu povo trabalhará sem cessar para alcançá-lo<sup>8</sup>.

Dentro de toda essa atmosfera de novidade:

[...] a economia do território caracterizava-se pela indústria extrativa, borracha, da castanha, do pau-roxo, das madeiras, pela exploração das minas de ouro, pela criação de gado; toda a economia sofria as flutuações de preços e desenvolvimentos (REIS, 1972, pag. 77).

Fica claro no fragmento do escritor Arthur Cezar Ferreira Reis, que com o advento da República e a instalação do Território as “coisas” pareciam estarem estagnadas, pelo menos quando se trata de economia.

---

<sup>7</sup> Denominação própria e, às vezes, depreciativa para os moradores do interior que vinham para Macapá.

<sup>8</sup> Relatório de atividades do Governo do Território Federal do Amapá, em 1944, apresentado ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República pelo Capitão Janary Gentil Nunes, Governador do Território. RJ, Imprensa Nacional, 1946, 152 páginas, p.8.

Esses novos ares republicanos e de Território Federal, a princípio foram imperceptíveis para essa população da Capital que na época estava em torno de mil habitantes, alijado do progresso e de qualidade de vida, esquecido por todos; como bem refere o trecho abaixo:

[...] A ideia de que antes da Criação do Território em 1943, nada existia além de mata, da escuridão, dos rios e de alguns desgraçados que habitavam a esmo, ao livre devir da natureza, e a partes da federalização desta região, teve sua história balizada com a integração ao progresso da Nação. Talvez os homens que aqui viviam não fossem senão fantasmas indignos de ter uma história. (COSTA, 2008. p. 21)

Essa descrição é de alguma forma reforçada pelas inúmeras histografias lançadas a partir do desmembramento com o Pará. São estudos fincados com grande alarido, usando com fulcro esse novo estandarte, perecendo nos submundos uma pesquisa pré-território, necessária para legitimar uma história amapaense tão farta de problematizações e análises como aquelas subsequentes aos anos 40.

Seja desta maneira, o homem Antônio Guilhermino respirava tudo isso. Os Picanços estavam envolvidos nessa órbita festiva da política amapaense. Aliás, essa convivência abriu muitas portas para ele, pois os membros da família que lhe acolhera – em Macapá – tiveram importantes passagens públicas entre nós, veja: Heitor Picanço, filho do Sr. João Picanço, foi prefeito por duas vezes de 1951 a novembro de 1952 e de dezembro de 1957 a março de 1961; outro filho do Sr. João Picanço, foi Roberval Picanço, deputado federal eleito pelo Partido Liberal (1995-1998) e por fim Badu Picanço, também filho de seu João, eleito vereador (1999 a 2003) e deputado federal (2004-2007) pelo Partido Social da Democracia Brasileira (PSDB).

A proximidade com as autoridades locais em razão da influência da família que o apadrinhou, facilitou as oportunidades para o Muca, porque esses enlaces políticos promoveram certa intimidade com destacados nomes do cenário da sociedade local.

Morar na cidade trouxe outros dividendos: estudou no Colégio Comercial do Amapá hoje Gabriel de Almeida Café, localizada na Av. Fab, nº 91, Centro, onde fortaleceu sua leitura e escrita, pois era autodidata, conseguiu concluir hoje equivalente ao ensino fundamental, depois serviu ao exército brasileiro (1948-1949);



e por fim tornou-se funcionário público, na Prefeitura Municipal de Macapá, na função de apontador seria nos dias de hoje um chefe de almoxarifado (1950-1960).

Uma situação digna de nota é que ser servidor público nessa época era relativamente fácil. A máquina estatal (digo do Território ou do Município) precisava de quadros minimamente sabedores de ler e escrever, assim como fazer quatro operações. Isso era o suficiente para garantir a entrada no funcionalismo público.

Como símbolos dessa nova era trazida pela República para os amapaenses são criadas obras importantes de infraestrutura, na realidade, muito mais do que sua criação, havia uma necessidade irremediável de corporizar esses novos tempos como escolas, hospitais, estradas, enfim de todo um aparato de suporte para esse desenvolvimento que havia chegado de fato e de direito aos herdeiros de terras tucujus.

Citamos em obras do Governador Janary datadas no início de seu governo o Colégio Amapaense (1947), a Escola Barão do Rio Branco, Ginásio de Macapá, hoje Estadual Antônio Cordeiro Pontes, Hospital Geral de Macapá (1945).

Mesmo a capital do Território foi modificada. O decreto-lei de criação apontava no Município de Amapá como a sede do Governo. No entanto, por questões geoestratégicas, Macapá acabou sendo agraciada como a Capital.

Ainda o governo federal cria em 1953 a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia – SPVEA, projeto este cuja finalidade era fomentar o desenvolvimento dos setores produtivos nos territórios federais, ligados ao extrativismo, agricultura, produção mineral e industrial.

Esse turbilhão de novidades não passava despercebido pelo nosso personagem em relevo nessa narrativa. Para ele, o Amapá passava a ser visto como um campo de oportunidade; o discurso oficial de que nada seria como antes<sup>9</sup>, o atingiu

---

<sup>9</sup> Título de uma música de Milton Nascimento e Fernando Brant.

em cheio, sobretudo em razão da experiência de viver o novo e não porque lhe foi contado.

Como elemento “*in loco*” das transformações do Território, como um rapaz inteligente, passou a planejar o futuro como fazem as pessoas em algum momento da vida. Ganhou um sentido real para o Muca certo adágio que diz “*é preciso aproveitar quando o vento está a favor*”. Esses ventos estavam soprando no sentido da tomada de atitude, de decisão para como se adaptar a esse novo dinamismo imposto pela modernidade do capital que chegou ao Terceiro Mundo, no caso do Amapá, era outro mundo mesmo.

Sem dúvida, os estímulos econômicos propostos pela Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia - SPVEA são o pontapé inicial para arquitetar uma prática comercial pouco difundida na década de 50 no Amapá: o empreendedorismo. Isso porque o território era porta de entrada para uma vida tranquila no serviço público. Possuir seu próprio negócio não era regra geral. As pessoas buscavam a segurança e a estabilidade proporcionada em trabalhar para o Estado.

O Muca parece remar em direção contrária. Queria ele ter opção de fazer diferente de ter outro referencial, pela simples condição de ser gente. Por sinal, esse acaba sendo mais uma marca das pessoas carismáticas, por que:

[...] o carisma, em vez de atuar conforme seu sentido genuíno, de forma revolucionária, diante de tudo que seja tradicional ou se fundamente na aquisição ‘legítima’ de direitos, como acontece in *statu nascenti*, atua exatamente no sentido contrário, como fundamento de ‘direitos adquirido’. (WEBER, 1999, p. 333).

Essa carga de alguma forma recaía sobre os seus ombros. Como único dos Guilhermeiros a estar estudando, morando na cidade, agora elevada a status de capital, a expectativa da família em torno daquele rapaz era de que pelo menos conseguisse um bom emprego, uma casa, a realização de seus sonhos.

Mas, é preciso lembrar, o Muca era inteligente, carismático, todavia negro do cabelo bem “*cri-cri*”, cabelo ruim como os mais depreciativos falam. As pilhérias, as

chacotas em torno de sua figura eram contínuas na escola, no trabalho, nas suas relações sociais de modo geral.

Dona Francisca da Silva, esposa do Muca nos relata certa passagem de demonstração desse racismo travestido de brincadeira: “*um dia teu tio foi cobrar um dinheiro do Braga*”<sup>10</sup>, e “*ele falou que preto não precisa de dinheiro porque Deus já tinha dado o sol e a lua*”<sup>11</sup>.

Outra é citada por ela quando o Muca era apontador da prefeitura. Os seus subordinados o elogiavam e aplaudiam sua capacidade de liderança, mas era comum fecharem seus comentários assim “*Esse cara é bom, muito bom amigo, só é preto*”<sup>12</sup>.

Como vimos nesses dois exemplos lembrados pela sua esposa eram comuns. Se hoje, o racismo é crime, em Macapá nos anos 40, 50, e 60 sem essa vigilância da legislação havia liberdade discricionária em ridicularizar o negro, agindo de maneira desrespeitosa com as pessoas de cor, sem nenhum pudor.

Aliás, um recorte histórico importante se reporta no momento em que o Governador Janary, retira compulsoriamente os habitantes negros do centro da cidade (em frente a Igreja São José e adjacências) e os desloca para o bairro da Favela (Avenida Mendonça Furtado entre as ruas Jovino Dinoá e Odilardo Silva), para o Bairro do Laguinho (hoje Julião Ramos) sob o pretexto de urbanizar o centro da cidade.

Fica claro que os negros não faziam parte desse planejamento estatal de desenvolvimento. Talvez seus hábitos, seus costumes, suas histórias não eram compatíveis com o advento do progresso e também com os valores da Igreja Católica tradicional.

Na década de 50 esse cesaropapismo<sup>13</sup> a moda equatorial, foi decisivo para efetivação de banimento dos negros do centro da cidade. A prática do Marabaixo e do

---

<sup>10</sup> Frigorífico Braga comprava bois do Muca, para abatê-lo e vendê-los em Macapá.

<sup>11</sup> Relato autorizado e concedido pela Sra. Francisca Sena da Silva em 28/05/2017.

<sup>12</sup> Idem

<sup>13</sup> Expressão usada para designar a mistura entre o poder político dos reis e o religioso do papa na Idade Média.

Carioca (dança-raiz de onde se originou a capoeira), era dançada na frente da Igreja São José de Macapá. O padre Júlio Maria Lombaerd, achava um absurdo, um ato descabido e não cristão, que deveria ser defenestrado para longe de um local sagrado, pois *“o que era aceito como festa, alegria e tradição para os negros amapaenses, para a igreja católica era considerado imoral aos olhos da recente sociedade amapaense, uma afronta aos princípios religiosos, algo diabólico”* (SILVA, 2014, p.37).

Sem a força administrativa nas mãos, mas com a influência e a beligerância dos séquitos católicos, o governador materializa todo esse clima de intolerância racial e religiosa, “transferindo” os negros e toda a sua estrutura de ritos, festas, danças, tinham de sair de perto do poder branco católico.

Ter a pele escura, o cabelo ruim e as canelas finas, nunca foi fácil. Sobretudo aqui no Brasil, onde a memória sobre o negro escravo era muito recente. Aprender a desaprender que o negro não mais escravo, uma mercadoria sem a posse de seu corpo, levaria tempo.

Brasileiros do Grão-do-Pará do Território Federal do Amapá, do Estado do Amapá, sobretudo os donos do poder reforçam essa distância, ou melhor, essa diferença de cor na pele com atitudes nefastas como essa do governador Janary, que na verdade quis fazer e fez uma assepsia étnico-cultural com os negros, habitantes dessa terra, fala esta corroborada no excerto abaixo:

A partir da literatura local e de depoimentos de pessoas dos supracitados bairros (Laguinho e Favela) e correlacionados com fotografias da época, tomei conhecimento de que esses espaços foram demarcados e destinados a receber os afrodescendentes transferidos a contragosto do perímetro urbano da cidade de Macapá (...) durante a gestão do governador Janary Gentil Nunes (LUNA, 2011, p.66).

Essas famílias exotadas de qualquer maneira pelo poder público para locais foram jogadas nessas áreas sem nenhuma infraestrutura. Imagine se nos dias de hoje o saneamento básico de Macapá são em torno de 2%, índices da Europa Medieval, considere então como seria a realidade de bairros recém-periféricos na década de 50 em Macapá?

Um registro importante relacionado à Igreja Católica Apostólica Romana no que tange a cultura negra no Amapá. No ano de 2012, os negros puderam celebrar e dançar o Marabaixo na frente da Igreja Matriz de São José de Macapá. Teria sido um desencargo de consciência? Um sinal bem-vindo de convivência pacífica com o antípoda do seu pensamento?

Aqui sob o sol do Equador, foi para o meio das ressacas e dos buritizeiros o destino dos negros mulatos, morenos, cafuzos que ousaram estar no lugar errado, na rota do inevitável futuro grandioso do Amapá. Como reagir a tudo isso? Algumas perguntas começam a se explicar sozinhas na cabeça de nosso personagem entre o novo e o vestuto, agora com 19 anos em 1950.

Recém-saído do Exército Brasileiro era hora de se empregar. E como já foi dito sua alfabetização precoce e complementada pela escola normal, junto com sua facilidade com os cálculos, fizeram-no funcionário da Prefeitura de Macapá; e por 10 anos lá ficou como apontador.

Nesse período cultivou amizades, adquiriu uma casa, algum patrimônio pessoal, percebido por sua dedicação ao trabalho exaustivo. Mas, para ele não era o bastante. As mudanças ocorridas no Amapá deveriam ser entendidas com possibilidades de crescimento para todos os setores e para todas as pessoas, embora a dinâmica da vida pudesse ser mais severa e dura para ele negão como a pedra de manganês da Serra do Navio.

Esse fato da descoberta desse minério colocou o Amapá no mapa do Brasil definitivamente. E para o Muca despertou o anseio de criar uma atividade comercial própria desatada do controle estatal que tudo e a todos ditava as regras do jogo.

Então com a prudência dos sábios e com a ousadia dos que querem vencer, vende sua casa, pede as contas da prefeitura e passa a ser encontrado roçando, limpando, preparando a terra para receber as cabeças de gado que tinha como herança de seu pai e as outras compradas com o fruto do seu trabalho.



Imagem 3: A entrada da Antiga Vacaria é hoje a sede da Rede Record em Macapá.  
FONTE: Katia Gonçalves

Começava a ser esse pedaço de chão, além de sua residência de fato, seu local de trabalho, de labor físico, psíquico e emocional, afinal seus investimentos e energias estavam aplicados no sucesso daquele empreendimento.

A esposa do Muca diz: *“teu tio acordava 4:00 hs da manhã, lá pelas três da tarde ele ia almoçar”*. *“Teve dia dele dormir na chuva de cansado<sup>14</sup>”*.

Esse esforço tinha objetivos. Demandaria muitas energias, inicialmente só de uma pessoa. Força para vencer tinha de vir do alto, do lado, da frente, da retaguarda, de onde, pudesse fortalecê-lo para começar e seguir em frente. Certamente a música do Djavan, chamada “Esquinas” faria muito sentido onde se canta: *“só eu sei as esquinas porque passei só eu sei... sabe lá, o que é não ter e ter que prá dar...”*.

---

<sup>14</sup> Relato autorizado e concedido pela Sra. Francisca Sena da Silva em 28/05/2017.

### 3.1- A VACARIA



Imagem 4: O espaço original da antiga Vacaria  
FONTE: Acervo da família

Esse foi o nome dado para o local onde o Velho Muca foi empreender. Ele compra esse considerável lote fundiário do Sr. Rosalvo de Melo Bittencourt e como pessoa atenta legalizou-as junto ao Município. Essas terras compreendiam atualmente o cruzamento da Avenida dos Timbiras com a Rua Hamilton Silva (Canal do Beírol).

Inicialmente começa com cerca de 25 cabeças de gado, explorando a venda de leite diariamente. O negócio prospera. As pessoas vão até a vacaria, todas as manhãs comprar o leite fresquinho, além de levarem seus filhos para verem a ordenha das vacas ao vivo, era algo insólito para elas.

Quando digo da prosperidade inicial, falo da expansão do negócio da venda de leite diariamente. Antes restrito à venda na vacaria, passava a ser vendido nas residências pelos leiteiros, cujo meu pai o Sr. Pedro Cardoso de Oliveira, falecido em 19 de setembro de 2016 era um deles, atividades que desenvolvia nas folgas dos plantões de vigilância da empresa Pregel Prestação de Serviços Gerais Comércio e Representação Ltda – PREGEL.

Assim como meu pai, outras pessoas foram contratadas (entenda-se aqui apenas o termo metafórico, pois não tinham carteiras assinadas), eram diaristas que se tornaram permanentes como o Sr. Lourenço Morais e o seu Jari do Carmo Filgueira nessa empreita levada a termo em 1960.

A estrutura da vacaria era muito simples: um curral e uma área coberta; de resto apenas mato e áreas alagadiças (ressacas) que foram aos poucos sendo tomadas pelos moradores do entorno e pela própria ação do Velho Muca, aterrando esses respiradouros naturais da cidade. Aliás, mais adiante essa situação será contextualizada detidamente, em função do grave problema social que a ocupação desordenada em Macapá empurrou um grande número de pessoas para dentro desses alagados, onde seres humanos disputam espaço com mururés, cobras, sapos e outros correlatos.



Imagem 5: Áreas de Ressacas de Macapá

Parte de um mapa sobre ressacas elaboradas pelo geoprocessamento da SEMA-AP (2007).  
 FONTE: <http://casteloroiger.blogspot.com.br/search/label/Bairros%20de%20Macap%C3%A1>. Acesso dia 07/06/2017, as 10:00 hs.

Naquele lugar a rotina era igualmente comum: chegava-se por volta das 4:00 hs da manhã e retiravam-se as vacas para ordenha. Amarrava-se o bezerro próximo à mãe para ela ficar mais calma e assim liberar com mais abundância o leite produzido durante a noite.



Esse leite era comercializado lá na vacaria in loco ou vendido na cidade. Feito isso o rebanho era deixado solto para a pastagem; a pecuária extensiva realizada em áreas abertas sem o uso de tecnologia caracterizava bem o manejo desses animais.

Por volta das 15:00 hs, era feito a limpeza do curral ou estábulo. Esse horário era o mais adequado porque era o tempo das fezes secarem tornando-se mais fácil raspá-los do piso. Esse procedimento alcançava as imediações da vacaria, conferindo um ar de limpeza e organização naquele trabalho.

Finalmente com a chegada da tarde por volta das 17:00 hs os animais eram recolhidos ao curral, após uma contagem minuciosa das cabeças de bois, vacas e bezerros estavam todos lá de volta. Não havia separações internas dentro desse espaço, era comum amanhecerem as crias machucadas pelas pisaduras dos outros animais mais pesados.

Feito isso se fechava as porteiças da vacaria. Ficavam os diaristas com o Muca para vigiar o rebanho contra o furto ou até o roubo de alguma rês. Ora, era comum se encontrar na área da vacaria restos de animais abatidos por estranhos, vez por outra, desapareciam animais, situação percebida na hora da contagem das cabeças no final do dia.

Nessa cansativa atividade laborativa, havia também a delimitação legal da área da vacaria, mesmo embora tivesse sido comprado e regularizada junto a Prefeitura de Macapá, havia uma querela com o Sr. Benedito Lino do Carmo que daria nome ao Bairro do Congós, pelo limite das terras pertencentes ao Muca e ao Velho Congó.

Em meio a esse empreendedorismo como área de enclave em detrimento a política estatal de desenvolvimento que buscava colonizar a Amazônia através do fortalecimento da agricultura fomentada pela SPVEA:

O primeiro Plano Quinquenal de Valorização Econômica da Amazônia estabelecia como prioridade a superação dos hábitos de trabalho e de organização social que eram baseados no extrativismo e no nomadismo. A agricultura seria a base do processo de racionalização sociais em geral. (LOBATO, 2011. p. 118)

O Muca seguia sua vida e negócio de forma independente, ou seja, esse incremento fiscal matizado sob o modelo de política estatal, não o atingiu, muito mais por uma postura, um ranço presente na cabeça dos antigos de que: “*trabalho prá mim, ganho prá mim*”. Em outras palavras, ir atrás dos incentivos da estatal, colocaria por terra, todo o espaço de anos de trabalho, poupando seus recursos na visão de ter seu próprio negócio sem dever para os agentes do ou autarquias governamentais.

Esses comentários e leitura do mundo circulavam naquele local simples que era a vacaria. Em meio à venda de leite, pessoas esclarecidas que exercitavam o poder em cargos públicos estavam por aí conversando, jogando conversa fora. A vacaria não era uma bolha de ignorância em um mar de transformações que passava o Amapá, em seu ritmo próprio ela (a vacaria) absorvia os avanços e retrocessos da irremediável modernidade, mesmo num ambiente rústico, aparentemente avesso a inovação, contudo lá estavam também as sementes de um tempo novo onde:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia; nesse sentido, pode-se dizer que modernidade une a espécie humana”. (BERMAN, 2007, p. 24).

Destarte, a modernidade que não livrava ninguém, colocava-se entre os humildes e poucos letrados. Entre os tabaréus se falava em economia, política, religião, tradições e costumes. Esses assuntos surgiam espontaneamente na roda de conversa entre um copo de café ou uma talagada de tipoca<sup>15</sup> “tirada da teta da vaca”.

Falava-se do Janary como deputado federal eleito para dois mandatos (1963-1967 e 1968/71) e como aquele homem representava tanto para os cidadãos amapaenses em Brasília no sentido dos recursos chegarem do lado de cá do rio Amazonas. Ele seria o cara certo? Diziam que sim, pela proximidade com os militares visto ser ele um deles (Janary quando foi nomeado governador era primeiro-tenente do Exército) e alinhado com os ideais dos agentes da Revolução, segundo eles, conceituavam a tomada de poder em 31 de março de 1964.

---

<sup>15</sup> Termo usado para o leite fresco, sem cozimento.

Debatiam como Raul Monteiro Valdez, governador do Amapá de outubro de 1961 a dezembro de 1962, tentou sabotar o prestígio do Janary junto à população e como tinha se dado mal, mesmo vestindo a casaca de goularista, acabou tendo de engolir a vitória de Janary para deputado federal que por sua influência direta, perdeu o seu cargo para o pupilo janarista Terêncio Furtado de Mendonça Porto, governante do Amapá até o golpe de 64.

E mais, as rodas falavam de um mundo importado da América do Norte pra dentro da floresta com a Indústria Comércio de Minério S/A - ICOMI junto com o Bethlehem Steel, do tio SAM, onde gente muito alta, de olhos azuis ou verdes, comandavam em ritmo de exploração diuturnamente o minério de manganês, com um contrato de 50 anos, tudo certinho, para não ter erro. Ledo engano!

Eles tinham uma vila de casas, nada igual havia sido visto por essas paragens, tinham comida de primeira, show de artistas famosos que não se apresentavam em Macapá, iam direto para os serranos, melhor para os gringos. Estando eu presente nesse círculo de conversa diria só que os salários de primeira não ficavam para os mineiros, nem aqui ficavam, visto que os lucros eram remetidos para as sedes fora do Território. Iam ficando por aqui, arsênio, crateras, rios poluídos.

Nada era tão esdrúxulo que não pudesse ser traduzido para uma linguagem do cotidiano, trivial mesmo; e nada era tão prosaico que não merecesse análises de raciocínio das pessoas envolvidas nesses meandros da sociedade macapaense nos anos 60, convertidos em “anos de chumbo” pela linha-dura dos generais.

As dúvidas sobre o destino do Brasil talvez existissem, mas eram guardadas tacitamente. Era perturbador a ideia de vigilância sobre palavras, gestos, ações:

Em concomitância com a prisão de adeptos do comunismo, o governo Territorial desencadeia uma campanha persecutória indiscriminada gerando um significativo estado de apreensão e medo na população. Servidores públicos eram punidos, demitidos, admoestados sem a menor formalidade administrativo, sindicalistas eram destituídos e detidos, estudantes eram penalizados e expulsos de colégios, opositores eram investigados e ameaçados, petebistas eram vigiados e acintosamente admoestados em público. (SANTOS, 2001. p. 63)

Um axioma brasileiro ganhou força naquele “big brother” sem câmeras: “*Não mexo com eles, prá eles não mexerem comigo*”. Não tinha jeito, o controle militar se fazia ouvir, ver, sentir então fazer a vida passar dentro da normalidade, sem dar bola ou não ter uma opinião aberta, fazia parte do jogo, da estratégia, de evitar problemas como os descritos acima que podiam alcançar a qualquer um, sem restrições, porém, no caso do Amapá uma chancela forte, podia arrefecer as sanções e penalidades que citamos, mas para que facilitar? Para que queimar um cartucho sob forma de favor, se posso precisar mais à frente?

Percebe-se assim que nada passava incólume no mapa da Vacaria. Mesmo de maneira sub-reptícia as notícias eram comentadas à luz de um senso comum coletivo com referências múltiplas.

Como os negócios iam bem o Muca resolve sair da Vacaria para uma casa própria; já que a esposa, negócio e família tinham de ter vida e espaços adequados. E na Avenida Anhanguera, entre as ruas Leopoldo Machado e Jovino de Dinoá no antigo bairro do Beiril<sup>16</sup>, o derradeiro endereço do Muca, isto digo porque sua viúva e três filhos moram ainda nesta casa, e até sua morte em 2001, o tio Muca não se mudou para canto nenhum.

---

<sup>16</sup> Era assim chamada a Penitenciária do Estado. Beiril na década de 60. Hoje IAPEN.



Imagem 6: Residência atual da família dos Guilherminos da Silva  
FONTE: Katia Gonçalves

### 3.2 - UM LAR PARA O VAQUEIRO

Com os negócios andando bem, o Muca sente a urgência de uma residência fixa a parte da vacaria. No período que antecede o soerguimento de seu micro negócio, ele já tinha uma relação amorosa com a senhora Francisca Santana de Sena, a “tia Xica”, esposa por toda uma vida.



Imagem 7: Muca, sua esposa e um netinho.  
FONTE: Acervo da família

Esse liame emocional se tornou mais intenso a ponto de se amigarem<sup>17</sup> no entanto, as dificuldades momentâneas os impediram de comprarem uma casa e juntarem seus pertences, seus sonhos, seus projetos.

Ele, o Muca, fez a ordem inversa. Primeiro investe seu tempo, suas economias no seu empreendimento, para depois, adquirir um lar como patrimônio, como resultante do suor do seu trabalho. Por ser um leitor diário da Bíblia acreditava que havia tempo para tudo. Essa leitura específica do Livro de Eclesiastes, capítulo 3 era uma das suas preferidas, funcionava como um bálsamo, um renovo, diante dos obstáculos impostos pela vida.

O seu Antônio Guilhermino não era católico, nem protestante, nem budista e nem kardecista, e muito menos membro da maçonaria como alguns existiam em declarar. Na sua visão, as religiões de pouco valiam, eram organizações sem fundamentação bíblica, porque segundo ele Jesus não criou ou defendia nenhuma religião, pelo contrário combatia tradições e costumes como hábito de lavar as mãos antes de comer (isso era em torno de sessenta vezes, preceito contido no Torá Judaico) e ato de realizar qualquer atividade no sábado. Para ele Deus era a grande diferença! E esse Deus era um espírito, uma força invisível geradora de tudo.

Era com o beneplácito e a anuência desse Deus que o seu Antônio enlaçava as suas bênçãos para o seu lar e para a sua família formada a partir daquele convívio estabelecido com a dona Francisca Santana de Sena, dessa união nove filhos foram criados, onde dois já são falecidos (Edson Sena da Silva e Maria Cleide Sena da Silva), mas como certo provérbio se diz: “casa de ferreiro, espeto de pau”, nenhum deles seguiu as práticas da criação de gado embora, o tivessem ajudado bastante na execução dos trabalhos rotineiros na vacaria. São eles em ordem cronológica: José Ribamar de Sena da Silva (Cururu), Paulo Roberto de Sena da Silva (Socó), Maria Cleide de Sena da Silva, Maria Conceição de Sena da Silva (Concita), Edson de Sena da Silva, Joaquim de Sena da Silva (Juca), Maria Bethânia (Beta), Francisco de Sena da Silva (Chico) e Antônio de Sena da Silva (Toninho).

---

<sup>17</sup> Designação para união estável no século passado entre os nortistas.

Com o cuidado de todo o bom pai e com os recursos disponíveis, encaminhou-os para boas escolas de Macapá. As crianças estudavam algumas em escolas públicas referências de excelente qualidade de ensino como o Colégio Amapaense, Gabriel de Almeida Café e a Irmã Santana Rioli. Já outros em escola particular como Santa Bartolomea Capitaneo.

À primeira vista parece existir uma estratificação dentro do géno<sup>18</sup> dos Guilherminos. Não é verdade. Essa percepção que levou a uma diferenciação, feita pelo patriarca demorou anos para se confirmar a vocação dos talentos de seus filhos e filhas, para vaticinar com toda a firmeza: “*esse dá prá estudo*”. E desse momento o investimento no campo intelectual era feito.

Da mesma forma, quando este asseverava o inverso e concluía que aqueles menos inclinados pela busca do conhecimento, viriam para o seu lado para o trabalho cotidiano na vacaria.

Conscientemente essa separação entre os que “*davam prá isso*” de outros “*que davam prá aquilo*”, refletia também uma inquietação do carismático: um preparar ou deixar pronto o terreno para o seu substituto “... *por outro lado o primeiro problema fundamental com que se vê confrontada e dominação carismática que pretende transforma-se em uma instituição perene é também a questão de sucessor*” (WEBER, 1999, p. 337).

Certamente a ideia de morte ainda não era recorrente entre um cigarro de tabaco (porronca) e outro. Curiosamente esse cigarro não apagava mesmo quando o tio Muca estava na chuva, contudo, a preocupação com o futuro dos seus filhos se manifestava em seu coração e mente. Amor de pai, compreensível.

Para além desse clã familiar, outros como esse narrador, via muitos desses fatos acontecerem, por meio de um costume daquele tempo: de passar o dia na casa de parentes (ou as vezes era mais de um dia).

---

<sup>18</sup> Estrutura familiar autônoma independente da Grécia Antiga, Século VIII A.C.

Nesse convívio aos finais de semana, pude ver mais detalhadamente os hábitos, a disciplina, as desavenças e reconciliações e todas as práticas pertinentes dessa célula de pessoas, em torno de um arrimo emocional, moral, provedor do sustento dos seus.

Essas reminiscências retornam a uma infância muito feliz de minha parte, em função de que com que dez, onze anos, dormia numa casa diferente da minha, com outro padrão de organização que incluía passeios a casa de parentes de táxi (algo extraordinário para um menino pobre), passeios para terrenos no interior, festas portentosas com generosa distribuição de bebidas, churrascos, com muita música.

A lembrança de tudo isso, traz de volta a minha mente, um tempo feliz, sentimento esse revitalizado com as conversas informais e entrevistas com membros da família toda para dar corpo a esse trabalho. Assim não vejo porque excluir ou desvalorizar esses momentos, uma vez que a história oral representa a: *“credibilidade das fontes orais é uma credibilidade diferente (...). A importância do testemunho oral pode estar, muitas vezes, não em seu apego aos fatos, mas antes... ali na imaginação e o simbolismo desejam penetrar”* (THOMPSON, 2002, p.184).

Nessa trajetória de vida do Muca houveram instantes de dificuldades, instabilidades vindas de todos os lados, como é esperado na passagem pela vida dos demais seres humanos. E, por serem eventos atrelados ao seu núcleo mais íntimo, não são de grande valia para um outro grupo de pessoas, para a sociedade contígua a eles ou para a epistemologia histórica (situação que se pretende romper).

A velocidade das coisas, o tempo modificado como mercadoria cria em nós um sentido pragmático: de estudarmos ou conhecermos aquilo de alta relevância ou complexidade, capaz de provocar uma hecatombe no instante do acontecimento ou da pesquisa. Todavia, outras conotações sobre a oralidade podem ser vistas como estas, onde *“A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança, isso depende do espírito com que seja utilizado”* (THOMPSON, 2002, p.22).

Essa incursão dentro da oralidade, do testemunho de pessoas como fontes para a elaboração de um trabalho acadêmico, é um campo ainda a ser descoberto,



explorado para a posterior colheita de seus dividendos, mas por ora essa afirmação thompsoniana propicia um conforto: *“os fatos de que as pessoas se lembram (e se esquecem) são eles mesmos, a substância de que é feita a história”* (THOMPSON, 2002, p.188).

Feito essa pausa para uma coalhada bem adubada, com bastante soro e massa bem macia, daquelas feitas na vacaria do Muca, sigo em frente dizendo da sua prosperidade do bairro do Beírol e num espaço ainda sem nome, denominado genericamente de Vacaria.

Paralelamente, ao sucesso particular do Muca, a cidade Macapá engatinhava no sentido de proporcionar aos seus habitantes uma melhor qualidade de vida aos seus habitantes. O asfaltamento de suas ruas e avenidas era uma quimera distante. Já a energia elétrica materializava-se a contrapelo das lamparinas causadoras do empretamento das telhas nas residências.

Nesse palco que aspirava por ares de cidade, o Muca antes apenas um comerciante de leite, começa a abater clandestinamente várias cabeças de gado e vender sua carne. Essa prática se fazia sem nenhuma fiscalização das autoridades sanitárias, rendendo bons recursos para o velho. Essa nova receita gera ao tempo em outro investimento agrário: a compra de um terreno chamado de Rosa, para a engorda de gado. Localizado no Maruanum<sup>19</sup>, nesse terreno preparava-se o rebanho para ser abatido e repassado aos açougues. O corte era feito aqui na cidade, onde a movimentação da carne podia ser feita de maneira mais célere, dado as dificuldades de conservação do produto.

Também se fazia no Rosa, a marcação do rebanho. Esse dia era festivo. Recordo de grande parte de a família estar presente naquela localidade. Era um momento de encontrar familiares que há muito não se via. Caminhões levavam bois e outros levavam gente para ver a “ferração dos bois”. É claro a festa era para a família,

---

<sup>19</sup> Distrito de Macapá, situado a sudeste do Estado do Amapá, distante a 80 km da capital Macapá, com um potencial ecológico muito grande pela sua rica fauna e flora e contexto cultural tais como as danças e as crenças, pois ainda hoje vivem nessa região os remanescentes de quilombos, de negros africanos, que fugiram do serviço escravo e tiveram a oportunidade se refugiarem também em outras regiões do Estado no período da Colonização do Brasil

agregados e amigos, servindo aos comensais churrasco, bebidas, premiação de bingo, tudo como forma de celebrar aquele encontro.

A ampliação dos negócios do Muca, coincide com a chegada no território do último governador eleito por indicação militar: o comandante Anibal Barcellos (1979-1985). Os tempos estavam mudando. O clima de eterna vigilância, de perseguição aos "subversivos" (os comunistas da época) estava arrefecendo como também, a ditadura dava sinais de enfraquecimento, podemos indicar a Lei de Anistia de 1979 com o aceno importante para a preparação da saída gerais-presidentes do poder.

Para o Amapá, o governo Barcellos foi sem dúvida marcante. A infraestrutura iniciada lá atrás pelo Janary foi levada a bom termo por este. Afinal, relevantes obras foram realizadas em sua administração como: a pavimentação inicial da BR-156, melhoramento urbanístico da capital com a construção de praças públicas (praça Santa Rita, Floriano Peixoto), incentivo à produção agrícola local com a criação da Feira do Agricultor<sup>20</sup>, criação do Distrito Industrial no Matapí, autorizou a instalação da Companhia de dendê no Amapá (CODEPA) em Porto Grande, criação do Município de Vitória do Jari, por meio do decreto-lei de 08 de dezembro de 1984, só para citar algumas delas.

Os recursos para a dinamização do território vieram através do Ministério do Interior, o qual os territórios estavam subordinados. E, a frente desse gabinete estava um amigo pessoal do governador que muito facilitava o envio de verbas federais para o Amapá – o ministro Mario Andreazza.

Essa parceria sem dúvida foi benéfica para o comandante, no sentido de suprir às demandas financeiras necessárias a movimentação da máquina estatal. Macapá era parque de obras a céu aberto e o interior também passou a ser visto potencialmente como um espaço produtivo, na medida em que os investimentos fossem destinados a dotá-lo de pujança para participar do ciclo econômico de território na agricultura e pecuária destacadamente. Ressalte-se também toda a inovação

---

<sup>20</sup> Fato esse realizado até hoje as terças e quartas-feiras na feira do agricultor no Buritizal e Pacoval.

administrativa implementada pelo comandante Barcellos<sup>21</sup>. Em proporções distintas, assim como houve uma política janarista nos anos 40, 50 até meados de 1960, inaugura-se a nova era barcelista iniciada na ditadura que sobrevive a Nova República, na democracia novamente concedida aos brasileiros.

Era comum vê-lo nas feiras, no Pronto Socorro de Macapá (hoje Hospital de Emergência), vendo fisicamente a dinâmica social do nosso dia-a-dia, bem como o funcionamento dos serviços públicos dispensados à população, prática essa irrealizável pelos políticos e gestores nos dias hodiernos. Tudo isso lhe conferia popularidade engendrado por jargões e um simbolismo muito presente onde:

Seu linguajar simples também foi fundamental para que fosse considerado, conforme se ouve da própria população amapaense e se abstrai das pesquisas eleitorais, algo que é fundamental para que se consiga obter sucesso em qualquer empreitada: O espírito de liderança e o carisma natural. Ganhou algumas expressões que ficaram como sua marca registrada. Os termos “efetivamente” e “etc.” são exemplos ditos. Além dessas expressões, Anibal Barcellos também fez de sua predileção por bonés, sua marca administrativa, o que foi bastante criticado, porém copiado entre outros governos. (MORAIS, 2005, p. 46)

Entretanto, há uma intersecção na política janarista com a era Barcellos: a fomentação do estado como o grande pai. As políticas de assistências aos mais carentes, tão comum atualmente, eram feitas pelo governador de maneira direta. Pagando contas de luz em atraso para algum morador em dificuldades, emprestando dinheiro para amigos com problemas com a justiça, oferecia emprego a quem lhe convinha, fazia doações de remédios, comidas. *“Isso levou a população a não depender do governo, como enxergar na figura do governador um todo poderoso”* (MORAIS, 2005, p.45).

Essa imagem fomentada pelo poder público sobre as pessoas e aceita pela população macapaense do todo-poderoso, do tudo pode, era um embuste com fins eleitoreiros. Gradativamente esse espectro foi sendo desmascarado, demonstrando que nossa casa foi construída sobre a areia. Em outras palavras, a prosperidade da era Barcellos provinha da receita de Brasília; sem política de desenvolvimento

---

<sup>21</sup> Esse termo comandante se justifica pelo posto de capitão de mar e guerra quando da sua aposentadoria em 1969, denota também o orgulho que Anibal Barcellos tinha de sua formação na Marinha e uma certa conotação bajuladora de seus correligionários políticos.

econômico estava fadada ao fracasso, como se verificará no período do Amapá-estado, e com maior ênfase agora, onde o Amapá é o 2º estado da federação em número de desempregados, perdendo somente para a Bahia<sup>22</sup>.

E, para maior tragicidade da situação, não vejo a curto, a médio prazo, nenhuma política de crescimento econômico. Em 1994, com o governo do Partido Socialista Brasileiro – PSB de Alberto Capiberibe, houve o preparo, pela primeira vez em nossa história em planejamento de estado para a economia: o Plano de Desenvolvimento Sustentável do Amapá – PDSA, mas, sem as condições básicas de energia, transporte e principalmente de investimento, não logrou êxito.

Toda essa mudança histórica, essa aurora barcelliana de crescimento, de urbanidade, veio e atingiu em cheio os negócios do Muca. Toda expansão encontra o seu limite. O auge encontra o seu ocaso. É o turbilhão da modernidade como disse Marshall Berman (2007, p. 15) *“nos despeja a todos num permanente turbilhão de desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. [Onde] ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo que é sólido desmanchar no ar’”* acaba por apanhar nosso personagem.

E o declínio começa a chegar, à medida que as desapropriações para urbanização da cidade de Macapá aproximam-se da Vacaria, o empreendimento do Velho Muca começa a ficar em risco.

As desapropriações começam em 1980. Sobre elas, sabemos que:

Sofreu três desapropriações das suas terras. Primeiro para construir a escola estadual Cecília Pinto e lotes de terrenos urbanos pelo então Governador Anibal Barcellos no ano de 1980 (Da avenida dos Timbiras entre as ruas Manoel Eudócio até a rua Hildemar Maia.

Segunda (1985) para lotes urbanos para ocupação das pessoas que invadiram o conjunto habitacional Laurindo Banha. Compreendendo o perímetro entre a Avenida dos Timbiras e as ruas Hildemar Maia e Santos Dumont.

Terceira desapropriação (1986) para construir área de lazer (a praça do bairro do Muca). (SILVA, 2014. p. 139)

---

<sup>22</sup> Site: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/04/desemprego-fica-em-109-no-1-trimestre-de-2016.html>. Acesso em 10/06/2017, as 10:00hs

Matrícula	Ficha	Livro Nº	CARTÓRIO "ELOY NOBES"
3385	1	2	REGISTRO DE IMÓVEIS C. G. C. 04.191040/0001 CIRCUNSCRIÇÃO - MACAPÁ REGISTRO GERAL
<p>IMÓVEL: Área de terra situada neste Município, medindo 93.682m<sup>2</sup> (NOventa e TRÊs MIL, SEISCENTOS e OITENTA e DOIS METROS QUADRADOS), apresentando forma irregular, com os limites e confrontações seguintes: Ao Norte: Com a Ressaca do Beírol e Prolongamento da Avenida Tamolós; ao Sul: Com a área Remanescente pertencente ao Município; a Leste: Com a Rua Santos Dumont e a Oeste: Com a Ressaca do Beírol.</p> <p>PROPRIETÁRIO: Município de Macapá.</p> <p>REGISTRO ANTERIOR: Matriculado neste Cartório, L.2-B, sob nº562 às fls. 90 a 91.</p> <p>Macapá-AP, 26 de agosto de 1986. P.7959. <i>[Assinatura]</i> O Oficial.</p>			
<p>R.01/3385 - A Prefeitura Municipal de Macapá, representada por seu Prefeito, tendo em vista as disposições do artigo 34 inciso I, da Lei nº 6.448/77, combinado com a Lei Municipal, nº137, de 02 de abril de 1981, e considerando o que consta o Processo Administrativo nº 6391/1986, TRANSFERE a ANTONIO GUILHERMINO DA SILVA, brasileiro, solteiro, pecuarista, residente e domiciliado nesta cidade, portador do CIG(MF) nº 007.988.862-34, a área de terra objeto da presente matrícula, através do TITULO DE DOMÍNIO nº 2.923, expedido em 18 de agosto de 1986, pelo preço de Cz\$ 241.324,83 (Duzentos e Quarenta e Hum Mil, Trezentos e Vinte e Quatro Cruzados e Oitenta e Três Centavos), já integralmente pago pelo comprador. Dou fé.</p> <p>Macapá-AP, 26 de agosto de 1986. <i>[Assinatura]</i> O Oficial.</p>			
<p>R.02/3385 - LOTEAMENTO: Na área constante da presente matrícula, o seu proprietário ANTONIO GUILHERMINO DA SILVA, acima qualificado, mandou proceder o loteamento do referido imóvel, conforme plantas e memorial descritivo aprovados pela Prefeitura Municipal local, conforme consta do processo arquivado em Cartório, loteamento esse denominado "SANTO ANTONIO", contendo 93.682m<sup>2</sup>, divididos em 12 (doze) quadras, designadas pelas nºs 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 27, 30, 31, 34 e quadra A, estas subdivididas em 222 lotes urbanos e, ainda, Quadra 22-A, destinada a praça de recreação e uma área institucional com 6,049,00m<sup>2</sup>. O referido loteamento foi requerido obedecendo os moldes da Lei Federal nº6.766/79 e demais disposições em vigor. Os lotes constantes do presente loteamento estão assim descritos e caracterizados: QUADRA 17: Contém 16 lotes, quais sejam: LOTE Nº01: De forma regular, medindo 12,00mts de frente por 30,00mts de fundos (360:00m<sup>2</sup>), limitando-se pela frente com à Rua Santos Dumont, pelo lado direito com o lote nº02, pelo lado esquerdo com a V.L.1 e pelos fundos com o lote nº16. LOTE Nº02: De forma regular, medindo 10:00mts de frente por 30:00mts de fundos (300:00m<sup>2</sup>), limitando-se pela frente com a Rua Santos Dumont, pelo lado direito com o lote nº03, pelo lado esquerdo com o lote nº01 e pelos fundos com o lote nº15. LOTE Nº03: De forma regular, medindo 10:00mts de frente por 30:00mts de fundos (300:00m<sup>2</sup>), limitando-se pela frente com à Rua Santos Dumont, pelo lado direito com o lote nº04, pelo lado esquerdo com o lote nº02 e pelos fundos com o lote nº14. LOTE Nº04: De forma regular, medindo 10:00mts de frente por 30:00mts de fundos (300:00m<sup>2</sup>), limitando-se pela frente com à Rua Santos Dumont, pelo lado direito com o lote nº05, pelo lado esquerdo com o lote nº03 e pelos fundos com o lote nº13. LOTE Nº05: De forma regular, medindo 10:00mts de frente por 30:00mts de fundos (300:00m<sup>2</sup>), limitando-se pela frente com à Rua Santos Dumont, pelo lado direito com o lote nº06, pelo lado esquerdo com o lote nº04 e pelos fundos com o lote nº12. LOTE Nº06: De forma regular, medindo 10:00mts de frente por 30:00mts de fundos (300:00m<sup>2</sup>), limitando-se pela frente com à Rua Santos Dumont, pelo lado direito com o lote nº07, pelo lado esquerdo com o lote nº05 e pelos fundos com o lote nº11. LOTE Nº07: De forma regular, medindo 10:00mts de frente por 30:00mts de fundos (300:00m<sup>2</sup>), limitando-se pela frente com à Rua Santos Dumont, pelo lado direito com o lote nº08, pelo lado esquerdo com o lote nº06 e pelos fundos com o lote nº10. LOTE Nº08: De forma regular, medindo 12:00mts de frente por 30:00mts</p>			

Imagem 8: Registro de Imóveis da Propriedade do Muca  
FONTE: Acervo da Família

Não há dúvida que foram socialmente bem usadas as terras desapropriadas pelo Estado e pela prefeitura. O questionamento do Muca era sobre os seus direitos ante as áreas desapropriadas e por alguma indenização que pudesse ser digno pelas benfeitorias ali realizadas.

Tentava ele levar a vida adiante passando por essas intempéries. Continuava na crença na justiça divina, como alicerce de esperança e lenitivo para a sua família. No entanto, medidas mais agudas precisavam ser tomadas para frear a velocidade daqueles atos judiciais. Alguma coisa lhe cabia por direito, não podiam anos a fio de trabalho serem vilipendiados por isso:

No início de 1990 o Senhor Muca acionou a justiça tanto o Município de Macapá quanto o Estado do Amapá requerendo a indenização de suas terras

pela desapropriação indevida de suas terras. Suas terras foram legalizadas em seu nome e seus impostos em dia. (SILVA, 2014, p. 139).

Sobre esse processo a resposta da justiça veio a acontecer somente em 2010. O Muca já era falecido quando foi dado a ele ganho de causa no Supremo Tribunal Federal – STF. A indenização ficou em R\$ 500.000,00 (quinhentos mil reais), dinheiro esse usado fundamentalmente na reforma da casa na Avenida Anhanguera, bairro do Trem.

Diz-se que “a justiça tarda, mas não falha”. Se ela está tardando é porque já falhou. Digo isto em função dos cidadãos comuns esperarem uma vida toda para verem suas causas julgadas e aqueles mais abastados, logo serem julgados suas queixas com muita celeridade. Como fazem a maioria dos brasileiros humildes, o Muca representou judicialmente e como dizem “esqueceu”, sabendo da demora tradicional da justiça brasileira para as demandas dos empobrecidos.

Porque do ponto de vista prático, da vida que urgia, resolve:

No dia 01 de junho de 1990 [retirar] a [...] criação de animais das suas terras, pois a área de pasto foi desapropriada. Mesmo com a desapropriação da maioria de suas terras continuava sendo cobrado o imposto da área com seu tamanho original (SILVA, 2014, p. 139)

Termino assim a epopéia Mucalina de viver do seu próprio negócio, de trabalhar para si, como dizem por aí. As cabeças de gado restante foram levadas para o Rosa (terreno no Maruanum) ou vendidas para serem abatidas, ficando: “*o nome do Bairro uma homenagem ao Sr. Antônio Guilhermino da Silva, por ser um dos primeiros moradores daquelas terras, assim como, seu proprietário*” (SILVA, 2014, p. 139).

## CAPITULO IV

### O MUCA NO ESTADO DO AMAPÁ

Atendendo muito mais uma vontade dos políticos da terra no afã de verem aumentadas as cadeiras no parlamento em Brasília, bem como a criação obrigatória de uma Assembleia Legislativa no Amapá, uma campanha de intensa propaganda foi realizada na tentativa de convencer a todos das vantagens em tornar o Amapá em mais um estado da federação.

Falava-se muito da arrecadação fiscal, dos impostos e tributos que passariam a serem administrados por um governador eleito por sufrágio popular, uma vez que na elaboração da nova Constituição, preconizava-se eleições diretas para o ano de 1990. Assegurar nesse novo corpo legislativo à eleição do Amapá a condição de estado era uma questão de honra, de sobrevivência administrativa para as principais lideranças políticas que como disse, enxergaram muito mais seus interesses e realizações pessoais acima das reais necessidades da população (aliás, situação clara como a luz do sol, estão aí procedimentos judiciais sendo abertos a todo instante por denúncias e provas cabais contra os “representantes do povo”, dos 24 (vinte e quatro deputados estaduais, 17 (dezessete) estão inelegíveis por improbidades administrativas<sup>23</sup>).

O Amapá em 1990 não tinha condições de ser transformado em estado. Essa afirmação é corroborada pelo presente, onde o pagamento dos servidores públicos só acontece quando do repasse do Fundo de Participação dos Estados - FPE, recurso federal; sem ele o funcionalismo do estado estaria à míngua. Todavia cabe a pergunta: Qual estado hoje está equilibrado? A resposta: Nenhum.

---

<sup>23</sup> NAFES, Seles. Disponível em <<http://selesnafes.com/2017/04/deputados-investigados-avaliam-projeto-que-fortalece-combate-a-corrupcao/>> Último acesso em 16/07/2017 às 02h14min.

Mas, naquele momento no início da década de 90, o Amapá era incipiente nos setores primários, secundários, terciário e de serviços. Não haviam atividades econômicas para gerarem uma receita capaz de assegurar uma passagem para a vida adulta (aqui entenda-se passar a ser um estado) com alguma razoável autonomia financeira.

Não precisava ser adivinho. Qualquer oráculo iria prever graves crises para um recém-nascido estado carente de receitas orçamentárias próprias e infraestrutura ainda por ser construída.

Porém, não teve jeito. Lá foi o Amapá para o rol dos 28 estados componentes da República Federativa do Brasil, sendo em 05 de outubro de 1990, a data de sua criação.

Antes que a novidade chegasse, e a boa-nova eram as eleições diretas para Governador, o presidente eleito Fernando Collor de Mello, nomeia o tenente-coronel Dolly Mendes Boucinha para governador do estado, gerando uma querela jurídica com seu antecessor:

Após a vitória de Fernando Collor de Mello na eleição para presidente da República do Brasil, realizada em 05 de outubro de 1990, o governador Jorge Nova da Costa, em abril de 1990, foi exonerado do cargo. Porém, não aceitou esta decisão amistosamente. Recorreu à justiça para permanecer a frente do governo do Amapá até a posse do primeiro governador eleito [...] apesar do apelo à justiça, Jorge Nova da Costa não conseguiu retornar ao governo (MORAIS, 2005, p. 53)

Esse militar na Nova República ficou por aqui pouco tempo. Logo foi substituído pelo advogado Gilton Pinto Garcia que governou de maio a dezembro de 1990, período da campanha e da eleição vencida por Anibal Barcellos (primeiro governador eleito do Amapá).

A eleição para governador foi histórica, como também aciona o dispositivo Constitucional de 1988. A instalação do Estado dar-se-ia com a posse do governador eleito em 1990. Assim aconteceu quando em 1º de janeiro de 1991, o governador é empossado na Assembleia Legislativa.



Com o aval da população amapaense lá estava o “velhinho” de novo no poder. Para o Muca, todos esses nomes e processos de mudança da ditadura para a Nova República, eleições diretas eram mudanças inexoráveis trazidas pelos novos e velhos donos do poder.<sup>24</sup>

O desafio agora consistia em se adaptar a tudo isso mesmo com a falência de seu empreendimento na cidade. Sua sobrevivência era assegurada com uma venda ou outra de uma cabeça de gado e arrendamento do Rosa. Conseguiu aposentar-se em 1996 e com esses ganhos ia levando a vida.

Olhava-se para Macapá e se via um crescimento acelerado. Esse quadro era visto nas suas terras desapropriadas. Área antes alagadas, igapós estavam sendo usado como moradias para pessoas, sobretudo pelo grande “boom” populacional a partir da criação da Zona Franca de Livre Comércio de Macapá e Santana (30/12/1991).

As pessoas começaram a chegar aqui “as carradas”, como diz o dito popular, e o Amapá não está e nem estava preparado receber tanta gente em tão curto período de tempo.

A criação da Zona Franca de Livre Comércio, pelo então senador José Sarney, confundiu a cabeça dos recém-chegados. Pensava na possibilidade de Macapá tornar-se como Manaus, uma montadora de produtos eletroeletrônicos, quando de fato em Macapá e Santana, seria apenas um polo de revenda de produtos sem as tarifas alfandegárias cobradas tradicionalmente. Desfeito pela realidade esse equívoco, os problemas sociais medram com extensa celeridade. E um deles com um pouco mais de gravidade são as ocupações das ressacas. Situação essa vivenciada na época da Vacaria que recrudescer com o Amapá-estado.

Do ponto de vista conceitual:

Ressaca é uma expressão regional empregada para designar um ecossistema típico da zona costeira do Amapá. São áreas encaixadas em

---

<sup>24</sup> Digo porque José Sarney, líder do ARENA (Aliança Renovadora Nacional) velho líder da ditadura militar e novo presidente da Nova República, com o falecimento de Tancredo Neves em 1985.

terrenos quaternários que se comportam como reservatórios naturais de água, caracterizando-se como um ecossistema complexo e distinto, sofrendo os efeitos da ação das marés, por meio da rede formada de canais e igarapés e do ciclo sazonal das chuvas (NERI, 2014. p. 173).

Esses ecossistemas são frágeis. Não foram feitos para o homem está ali. A presença humana permanente nestes ambientes foi imposta por uma organização social-econômica perversa. No caso de Macapá, são os gestores públicos que com a velha política do “deixa estar, pra ver como é que fica”, os principais responsáveis por essa vida de uma população sobre alagados.

Os fluxos migratórios com destino a Macapá a partir de 1950 refletem a tentativa de se buscar por parte das pessoas, melhores condições de vida, e com essa esperança nordestinos (maranhenses, cearenses entre outros), muitos vizinhos do Pará vem na esperança de uma vida melhor.

Como um dia após o outro, são nos momentos de efervescência econômica ou um arremedo disso, que essas correntes migratórias vêm “*di com força*” (expressão local, designa grande impacto) para o Amapá.

Os marcos para isso: Implantação do território (1943); a chegada da Indústria e Comércio de Minérios S/A – ICOMI (década de 50, que amplia a área urbana de Macapá); a transformação do território em estado (1988); criação da Zona de Livre Comércio de Macapá e Santana (1991).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em 2000, Macapá possui um total de 283.308 habitantes, desse total na área urbana viviam 270.620 habitantes. Nas áreas de ressaca 19% da população macapaense tinha seu endereço nelas.

Percebe-se que o regente dessas mudanças é o dinamismo do Modo de Produção Capitalista. Ele cria e desfaz o espaço, seleciona seus habitantes, determina as condições e regras para as forças produtivas:

[...] considerando a existência de confecção de diversos pontos das áreas de ressaca, estas devem ser entendidas não apenas na sua estrutura física, que por si não consegue dar conta da complexidade de realidades ali existentes,

mas como espaços sociais, como fruto da dinâmica das relações desiguais estabelecidas na sociedade (PORTILHO, 2010. p. 12).

Quando essa situação se estabelece e surgem os problemas causados por essa ocupação desenfreados com os alagamentos e enchentes, as patologias, a violência, o poder público se move, primeiramente legislando, criando a Lei Estatual nº 835/2004 que versa sobre a ocupação urbana e periurbana, reordenamento territorial, uso econômico e gestão ambiental das áreas de ressacas.

Depois com a inauguração de conjuntos habitacionais como o Macapaba II que passa a abrigar os moradores do bairro Perpétuo Socorro, vítimas de terrível incêndio em 2006 moradores de ressaca neste bairro, e do Conjunto Mucajá, também moradores de uma ressaca que dá nome ao conjunto localizado na rua Jovino de Dinoá, no Bairro do Trem.

Embora iniciativas sejam tomadas para conter a posse efetiva nessas áreas de ressaca, muita gente ainda se utiliza delas para viver. Estariam essas áreas condenadas em Macapá pela ocupação sistemática e recorrente dos despossuídos?

O Muca vociferava contra ela quando lá na Vacaria sabia de gente morando no alagado, porque o bairro do Muca era uma grande ressaca, conforme ratifica o professor Alberto Tostes:

O desaparecimento da ressaca do Muca só evidencia o desastre humano e ambiental que se aproxima, o crescimento, o adensamento populacional, tem contribuído para descaracterizar o traçado urbano da Cidade Modernista, com ruas e vias largas, além de ter dois fatores incômodos para a Cidade de Macapá alagamentos e enchentes com a sobrecarga no Canal das Pedrinhas (TOSTES, 2015, p. 1)

O seu Muca claro não gostava dos ressaqueiros, embora fosse o maior deles naquele espaço, todo o combate feito por ele aos “invasores” da ressaca do Muca, acabou um esforço em vão.

Sem a posse das terras e com o litígio ainda em voga, aquilo tudo passou a ter pouca importância porque já não estava mais ali, trabalhando no dia-a-dia, naquele

torrão, donde tirara seu sustento por meio do rebanho de animais conseguido após mais de 20 anos desgastantes esforços.

Agora passava a maior parte do tempo em casa. Saia muito pouco; talvez para compensar aquele ritmo incessante de sair de madrugada e só chegar no início da noite em casa.

Estar em casa junto da família lhe fazia bem. Não distante ainda, tinha disposição para realizar qualquer tarefa de exigência física, apesar de já ter ultrapassado a marca sexagenária.

A rotina mudara um pouco. Acordava as 4:00 hs da manhã, fazia sua leitura bíblica, depois ia ouvir rádio acompanhado de uma boa xícara de café e aquele cigarro de fumo da marca Extra-Forte. Por volta das 7:00 hs saía para comprar comida, em seguida se arrumava para sair novamente para resolver algum problema ou pendência na cidade. Fazia tudo isso a pé, não gostava de ir de ônibus ou carro particular. Seu estilo era uma calça comprida, uma alparcata preta e uma camisa manga comprida para proteção solar. Cumpria na maioria dos dias essa rotina.

Quando os problemas davam uma trégua na cidade eram as exigências domésticas que lhe tomavam tempo. Porém, as realizava sem reclames. E, é exatamente quando está limpando o terreno para a festa de aniversário de sua companheira, que o infortúnio acontece: uma tala de folha de coqueiro penetra no seu pé esquerdo.

Aparentemente nada grave. Retira a tala e aplica pomada e outros unguentos como andiroba para ver logo sarado aquela ferida. Mas com o passar dos dias o ferimento não cicatriza. Pelo contrário, o local fica inchado, dolorido e enegrecido. Era hora de ir ao hospital. Levá-lo até uma unidade de saúde era para seus familiares, como a realização de um décimo terceiro trabalho de Hércules. Era avesso a remédios, médicos, hospitais e congêneres.

Pois bem, no hospital de Pronto Socorro, realizaram os procedimentos médicos e também alguns exames e num deles, o de glicemia, atestou ser o tio Muca diabético.

Uma surpresa para todos inclusive para ele. Estava explicada então a causa daquela chaga incurável no pé.

A partir daí é internado no Hospital Geral de Macapá. As complicações trazidas pelo diabetes, de uma vida toda sem nenhuma medicação específica para a doença, junto com uma vida desregrada do ponto de vista alimentar, agravada pelo fumo, lançaram-no em um leito que de lá não saiu mais.

Seus dias eram difíceis. As medicações não reverteram o quadro. Teve então o pé amputado em seguida a perna esquerda. O corte ficou junto ao joelho. Os médicos viam com desesperança à situação clínica daquele paciente.

Foi então que após três meses daquela malfadada tala de coqueiro ter encontrado o pé esquerdo numa manhã de sol forte em Macapá que veio a falecer em 1º de junho de 2001, o Senhor Antônio Guilhermino da Silva, o Muca como apelidaram os Picanços.

A sua hora havia chegado. Sua passagem já estava paga. Não com a moeda para o barqueiro Caronte, da Mitologia<sup>25</sup>. Mas, segundo ele pelo sangue de Jesus que a todos salva bastava crer.

E apenas após a pior experiência do ser humano vinda com a morte física que se comprova a riqueza sábia dos textos bíblicos. Um preço muito alto para pagar, se as coisas nem sempre são como estão nos livros. Respeitando a fé inabalável do velho Muca, que pelo menos ele descanse em paz.

Aqui entre os viventes seu corpo foi enterrado no Cemitério São José, no jazigo da família onde estão seu pai (Joaquim Guilhermino da Silva), sua mãe (Porfíria Guilhermino) e seu filho (Edson de Sena da Silva). Nas datas marcantes como dias dos pais (2ª semana de agosto); dia de Santo Antônio que é a data do seu nascimento (13 de junho) e no dia de finados (02 de novembro), preces, orações, velas e as vezes

---

<sup>25</sup> Esse barqueiro leva as almas para o inferno (Hades). Embaixo da língua do morto, estava uma moeda como forma de pagamento pelo transporte do cadáver.

o silêncio são ali deixados em lembrança daquele homem que se foi e que nunca mais será achado pelo menos não aqui na terra.

Materialmente ficou a denominação de Vacaria de outrora para o bairro do Muca, por tradição, registrada nas contas de energia, água dos moradores daquele bairro. Diga-se já ser chamado de Muca aquele bairro da zona sul de Macapá, mas a força da morte sacramentou esse nome definitivamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar à conclusão deste trabalho acadêmico é uma mistura de cansaço e satisfação. O caminho para alcançar o término dessa obra foi desgastante.

O exercício de ler, pensar e escrever faz-me valorizar ainda mais as pessoas que vivem da prática escrita, da produção literária como um todo.

De maneira pontual as entrevistas com os membros da família do Muca foi uma experiência muito interessante. Não só pelo contato pessoal e informal, mas, como estar lançando mão de uma fonte não convencional de pesquisa que só conhecia pelas referências bibliográficas.

Aprendendo, ouvindo. Essa foi sem dúvida o ponto marcante do uso desse recurso metodológico ainda pouco explorado nas monografias, tccs no que tange a realidade da Universidade Federal do Amapá. A riqueza de detalhes, as minúcias, aquilo deixado de lado por ser prosaico, ganha outra dimensão na coleta desses relatos.

E essa incursão pelas entrevistas proporcionou a efetiva concretização desse trabalho de conclusão de curso: o conhecimento da trajetória de vida do Muca inserido dentro do contexto histórico e social do Amapá em três etapas distintas, quando circunscrito ao estado do Pará, na condição de Território Federal e finalmente com os arroubos de Estado.

A chegada de informações por meios dos depoentes e conjugado a necessidade de se criar filtros para a apuração dessas informações lançadas diante da realidade que se quer conhecer. Necessário também ter alguma habilidade para darem a elas lógicas, concatenação e encaixe dentro do assunto pesquisado. Assim

como a percepção daquilo a ser descartado para aquele momento, uma vez estar fora do objetivo previamente traçado.

Acredito que são muitos evidentes a importância dos pressupostos teóricos de micro história, da história oral, da memória e da história como um todo para a produção dessa história de vida. Eles são de elevado valor para a construção de um trabalho como este, no sentido da sustentação e organização do mesmo. Sem eles o caminho fica difícil de enxergar como se fosse tateando para descobrir o que são essas coisas e quais as suas formas.

Essas leituras antes feitas sob a rotina da exigência acadêmica, muitas vezes com pressa, aconteceram agora com um novo olhar, com outro sentido. Quando as exigências da vida falam mais alto, se desperta o interesse pela aprendizagem, pelo conhecimento que em algum momento foi negligenciado. Foi essa a minha interpretação sobre o mesmo quando fui atrás e procurei saber mais detidamente sobre esses expoentes de fundamentação teórica que dão fulcro a trabalhos como este.

A partir do aprendizado desse conhecimento ele funcionou como régua para medir se andava fora, meio fora ou muito distante das diretrizes apontadas como norte para a confecção de uma história de vida. Daí em diante surgiu outro desafio iminente a proposta inicial: produzir a história pessoal de cidadão imerso em seu nicho social.

E as dificuldades se deram justamente nesse nível. Sempre ficara inquieto, e voltava reavaliando o que tinha escrito para ver se a pessoa em foco estava desconectada do contato com outros indivíduos e da evolução dos eventos sociais, econômicos, políticos inerentes à coletividade macapaense.

Fazer a narrativa da vida do Muca por si só seria um desperdício de forças, ressaltar-se-ia a figura de homem apegado ao trabalho, preocupadíssimo com o bem-estar da sua família, falecido no ano de 2001, com 70 anos de vida. Mas; e aí? Correria o risco de se fomentar a figura de um bravo, de um herói tucuju, simbolismo que



poderia justificar a escolha do nome do bairro onde desenvolveu suas atividades empreendedoras. Não essa senda não queria percorrer.

Por isso a opção da conjugação histórica como cenário realístico para encaixá-lo no contexto das diversas transformações ocorridas no Amapá, em especial em Macapá a partir de 1931, data de seu natalício.

São conhecimentos ainda carentes de mais desvelamentos, mais pesquisa, outros olhares, a partir de outros lugares e outros referenciais e esse trabalho representa um rabisco nessa seara de se escrever sobre nós, tucujus amazônidas.

Essa ação de escrever pode ser comparada a um parto. Para mim então foi de gêmeos, para se ter a exata dimensão de como foi difícil chegar até aqui. A busca pela informação mais precisa, a que ficaria melhor colocada, as idas e vindas para falar do personagem, depois do contexto sócio-histórico-político, e vice-versa, foram dias de uma exigência física e intelectual intensa.

Em meio a essa correria uma cobrança silenciosa, mas presente da família Guilhermino em ver concluído o trabalho. Não queriam ser meramente fonte de pesquisa, disponíveis com fotos, depoimentos e tempo, sem ter algum retorno disso. Queriam ver a coisa pronta, um registro acadêmico de seu ente querido, um instrumento para salvaguardar suas reminiscências, rememorarem quando quiserem de tempos idos na presença do Muca.

Creio ter alcançado a finalidade pensada inicialmente para esse trabalho e as aspirações familiares despertadas neles por esse serviço. Esse anseio foi concretizado pelo repasse de uma das cópias deste Trabalho de Conclusão de Curso – TCC após revisão e avaliação de banca examinadora para um dos membros da família, Joaquim de Sena da Silva (o Jucá), hoje policial civil, foi um dos garotos a montarem em cavalos, ordenhar vacas e a correr pelos campos da Vacaria.

Certamente há lacunas e vácuos que faltaram serem preenchidos. Julgo o período de 1900 a 1943, época onde o Amapá pertencia ao Pará aquele com maior carência de pesquisa, por mim e de outros olhos assemelhados. Pouca ênfase se dá

a esse período, diametralmente oposto com a ascensão ao posto de território federal, onde existe uma quantidade significativa de fontes escritas.

Sendo assim assume esse trabalho um caráter de sincera humildade, quando deseja ser uma matriz seminal para outros que necessariamente precisam ser produzidos para o avanço do conhecimento na sociedade amapaense e de seus personagens.

É preciso querer isso. Assim os mecanismos que movimentam o sistema, poderão funcionar. Não me refiro aqui somente ao dinheiro, tão necessário ao subsídio de pesquisa, em um país onde essa prática é ínfima. Mas, as motivações mais subjetivas, dos entusiastas pelo saber que são demovidos das suas zonas de conforto quando a sutileza e densidade dos porquês impulsionam para outros limites. É a história-problema em seu estado puro.

Essa experiência para mim foi como se estivesse em mares nunca antes navegados. Considerando a necessidade de adaptação entre o novo (prática da escrita mais extensa) e as regiões da viagem (as dificuldades de arrumar o teórico com a técnica de pesquisa), cheguei até a praia (concluir o trabalho), com a sensação de que a viagem me fez bem, outro homem desembarcou, sabendo mais da vida por onde passou, com disposição para conhecer outros horizontes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes, (Coord.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: A história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

COSTA, Paulo Marcelo Cambraia da. **Na Ilhargá da Fortaleza, logo ali na Beira, lá tem o regatão**: os significados dos regatões na vida do Amapá – 1945 a 1970. Belém: Ed. Açai, 2008.

GOVERNO do Território Federal do Amapá. **Relatório de Atividades do Governo do Território Federal do Amapá**, em 1944, apresentado ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República pelo Capitão Janary Gentil Nunes, Governador do Território. RJ, Imprensa Nacional, 1946.

HAMILTON, Paulo. Autenticidade e Memória. IN: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes, (Coord.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LEVI, Giovanni. Comportamentos, recursos, processos: antes da “revolução” do consumo. IN: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escala**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LOBATO, Sidney da Silva. Os Descaminhos da Leitura: A política de Colonização do Amapá (1940-1958). IN: AMARAL, Alexandre et alii (org.). **Do lado de Cá: fragmentos de História do Amapá**. Belém: Editora Açai, 2011.

LUNA, Verônica Xavier. **Entre o Parteau e o Volante**: africanos redesenhando a Vila de São José de Macapá – 1840-1856. João Pessoa-PB: Editora Sal da Terra, 2011.

MORAIS, Paulo Dias. **Governadores do Amapá**: Principais realizações. Macapá-AP: Gráfica J.M, 2005.

NERI, Sara Heloisa Alberto. **A Utilização de Comunidades expostas a hepatite A nas áreas de ressaca dos municípios de Macapá e Santana/AP**. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

PESAVENTO, Sandra. **O Corpo e a alma do mundo**: a micro história e a Construção do passado. História Unisinos, vol. 8, nº 10, jul/dez, 2004.

PORTILHO, Ivone dos Santos. **Áreas de ressaca e dinâmica urbana em Macapá/AP**. Tese de Doutorado em Geografia. UNESP: Rio Claro, 2010. Disponível em: <<http://www.uc.pt/fluc/cegot/VISLAGF/actas/tema4/Ivone->> Último acesso no dia 07/06/2017 às 09:30 hs.

REIS, Arthur Cezar Ferreira: **O impacto amazônico na civilização brasileira**. Rio de Janeiro, Editora Paralelo, 1972.

REIS, José Carlos: **A Escola dos Annales: a inovação em história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ROUSSO, Henri. A Memória não é mais o que era. IN: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

SANTOS, Dorival da Costa dos. **O Regime ditatorial militar no Amapá: terror, resistência e subordinação 1964-1974**. Dissertação de mestrado apresentada junto a Universidade Estadual de Campinas, 2001.

SANTOS, Rosângela da Silva &. SPINDOLA, Thelma. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)**. Revista Escola de Enfermagem USP. SP, nº 37, 2003.

SILVA, Alci Jackson Soares da. **A Cultura Negra no Amapá: história, tradição e políticas públicas**. Macapá-AP: Lê Arte, 2014.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TOSTES, José Alberto: **O Bairro do Muca é uma antiga ressaca**. Disponível em <<http://josealbertotostes.blogspot.com.br/2015/06/0-bairro-do-muca-e-uma-antiga-ressaca.html>.> Último acesso em 06/06/2017 às 10:30 hs.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

# ANEXOS

## **ROTEIROS DAS ENTREVISTAS**

### **ROTEIRO 1:** Morador de Macapá sem relação de parentesco com o Muca

Local de Nascimento:

Local onde vive:

Idade:

Sexo:

- 1- Como era a vida em Macapá em seu tempo?
- 2- Havia muitos roubos, furtos, mortes naquela Macapá antiga em que o senhor viveu?
- 3- Quais eram as atividades de lazer que tinha Macapá nos 30 e 40?

### **ROTEIRO 2:** Morador de Macapá sem relação de parentesco com o Muca

Local de Nascimento:

Local onde vive:

Idade:

Sexo:

- 1- O senhor andava tranquilo em Macapá quando era mais moço?
- 2- Era verdade que se dormia de portas e janelas abertas em Macapá na época em que o senhor era garoto?
- 3- Então, quais eram os problemas dessa cidade paraíso?

4- De que o senhor sente falta daquela Macapá antiga comparada com essa de hoje?

**ROTEIRO 3:** Morador de Macapá sem relação de parentesco com o Muca.

Local de Nascimento:

Local onde vive:

Idade:

Sexo:

- 1- A senhora percebia ou sentia algum tipo de preconceito por ser negra em Macapá?
- 2- Qual era a postura da senhora diante dessas situações de preconceito explícito?
- 3- As comunidades negras mantinham contato além das festas e das comemorações tradicionais em Macapá? Como era esse convívio?

**ROTEIRO 4:** Morador de Macapá com relação de parentesco com o Muca, filhos

Local de Nascimento:

Local onde vive:

Idade:

Sexo:

- 1- Como membro da família dos Guilherminos, fale como foi para o seu pai adquirir as terras que formaram a vacaria e depois foram desapropriadas?
- 2- Como era o seu pai no convívio familiar?
- 3- Você trabalhou na Vacaria. Descreva a rotina de lá.

4- Qual a sua opinião sobre o bairro que tem o nome do seu pai atualmente?

**ROTEIRO 5:** Morador de Macapá com relação de parentesco com o Muca, filhos

Local de Nascimento:

Local onde vive:

Idade:

Sexo:

- 1- Diga do que você se lembra da época em que trabalhava na Vacaria?
- 2- Quais os negócios que eram feitos naquele local?
- 3- A partir de que momento os negócios começaram a trazer prejuízos?
- 4- Qual a lembrança ou passagem mais significativa deixada pelo seu pai?

**ROTEIRO 6:** Moradora de Macapá com relação de parentesco com o Muca, esposa

Local de nascimento:

Local onde vive:

Idade:

Sexo:

- 1- Como conheceu o seu esposo?
- 2- Fale da sua convivência como esposa em todos esses anos que viveram juntos?
- 3- Cite os momentos difíceis dessa vida em comum.
- 4- Como a senhora leva a sua vida hoje sem ele?



### **LISTA DE ENTREVISTADOS**

**Antônio Pinto Pereira**, entrevista realizada no dia 27 de maio de 2017, em Macapá.

**Raimundo Carmo do Espirito Santo**, entrevista realizada no dia 27 de maio de 2017, em Macapá.

**Dora Josefina Andrade Reis**, entrevista realizada no dia 27 de maio de 2017, em Macapá.

**José Ribamar de Sena da Silva**, também conhecido como **Cururu**, entrevista realizada no dia 04 de junho de 2017, em Macapá.

**Joaquim de Sena da Silva**, também conhecido como **Juca**, entrevista realizada no dia 04 de junho de 2017, em Macapá.

**Francisca Santana de Sena**, também conhecida como **Tia Chica**, entrevista realizada no dia 04 de junho de 2017, em Macapá.